mais pessoas passam fome durante uma recessão, não é por mudanças concretas nas nossas capacidades produtivas, mas é simplesmente mais um exemplo de como nossa sociedade *sempre* distribui recursos de forma irracional.

Quando as pessoas trabalhadoras entram em greve, você pode ver alguns dos mesmo efeitos de uma crise. Elas podem passar fome, mas também podem desenvolver uma nova consciência do seu poder enquanto passam a conhecer umas às outras fora das amarras da labuta diária. O resto da sociedade de repente percebe que elas existem. Às vezes elas estabelecem novos projetos e modos de tomada de decisão coletivos. Ocasionalmente, elas até ocupam seus locais de trabalho e os utilizam para fazer as coisas fora da lógica do lucro de da competição. O mesmo vale para as ocupações estudantis.

Então talvez o único problema seja que as crises e greves não vão *longe o suficiente*. Enquanto a economia comandar nossas vidas, qualquer interrupção será difícil para nós; mas mesmo que nada desse errado, ela nunca nos daria o mundo dos nossos sonhos.

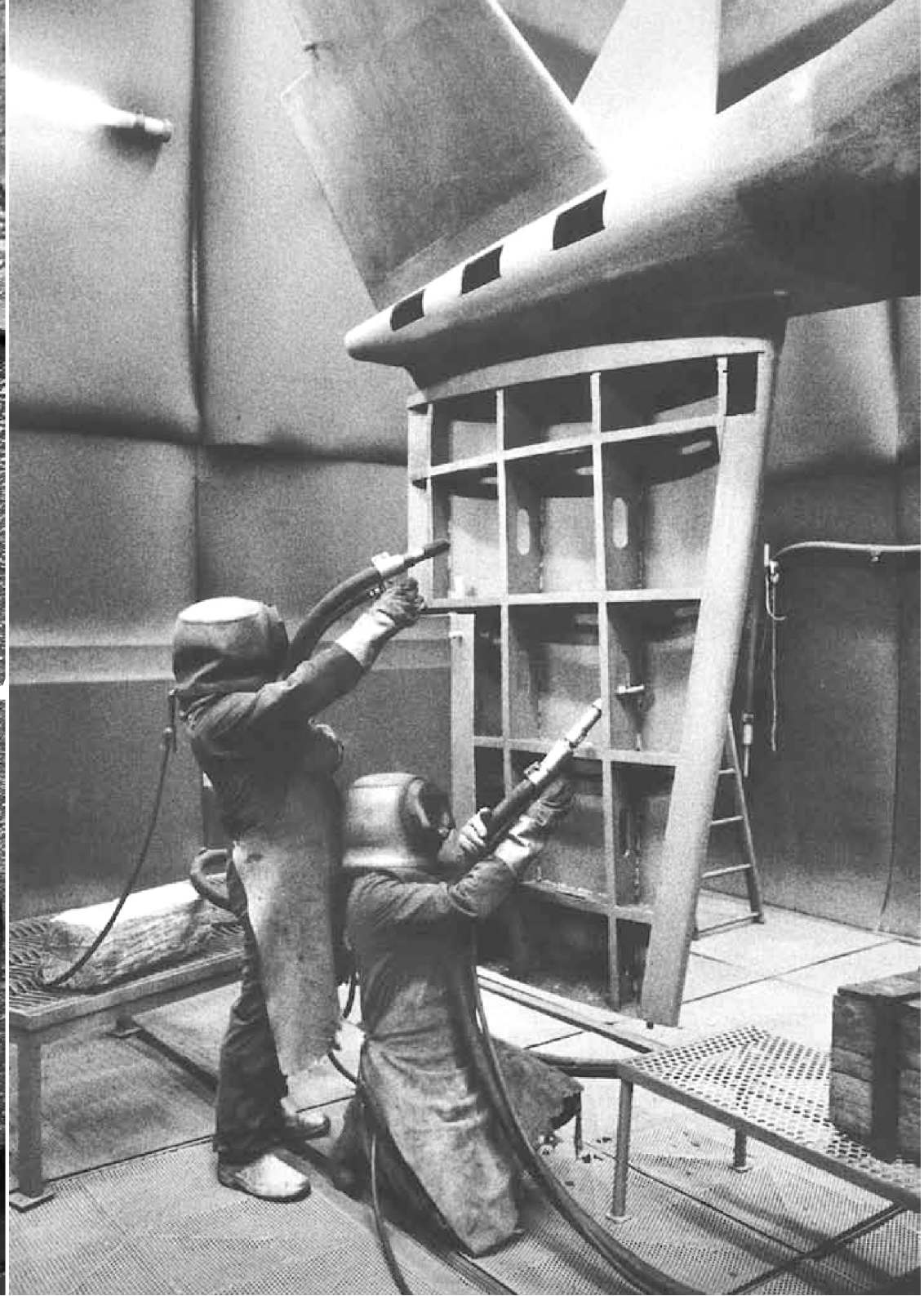
E quer estejamos prontas ou não, as coisas não vão continuar assim para sempre. Quem ainda consegue acreditar que estamos no caminho certo agora que a poluição está extinguindo espécies aos milhares e causando o derretimento das calotas polares? Entre o aquecimento global e a guerra nuclear, o capitalismo industrial já produziu pelo menos duas maneiras diferentes de *acabar com a vida na terra*. Isso não parece ser muito estável!

Se quisermos sobreviver mais um século, devemos reexaminar a mitologia que fundamenta nosso modo de vida atual.

A qualquer momento, todas nós podemos parar de pagar aluguel, financiamentos, impostos, e taxas; eles não poderiam fazer nada a respeito se todas as pessoas parassem ao mesmo tempo. A qualquer momento, todas nós podemos parar de ir ao trabalho ou à escola — ou ir até eles e nos recusarmos a obedecer ordens ou sair do local, transformando esses espaços em centros comunitários. A qualquer momento, nós podemos rasgar nossas carteiras de identidade, tirar as placas de nossos carros, arrancar as câmeras de vigilância, queimar dinheiro, jogar fora nossas carteiras e montar associações cooperativas para produzir e distribuir tudo o que precisamos.

Sempre que o meu turno se prolonga, eu me pego pensando nessas coisas. Eu sou realmente a única pessoa que já teve essa idéia? Eu posso imaginar todas as objeções de sempre, mas você pode apostar que se isso começasse em alguma parte do mundo todo o resto das pessoas rapidamente faria o mesmo. Pense em todas as formas indescritíveis nas quais desperdiçamos nossas vidas ao invés disso. O que seria necessário para começar essa reação em cadeia? Onde devo ir para encontrar as pessoas que não apenas odeiam seus empregos, mas que estão prontas para se livrar do trabalho de uma vez por todas?

TRAB



CrimethInc. Coletivo de Trabalhadoras ∫ Salem, OR ∫ Dois mil e doze

Tudo isso faz com que seja fácil sentir que o trabalho é inevitável, que não há outra forma de estruturar nossas vidas. Isso é conveniente para quem lucra com este arranjo: não é preciso provar que esse é o melhor sistema se todo mundo pensa que é o único *possível*. A vida realmente foi sempre assim?

Neste momento, entretanto, o futuro da economia é incerto.

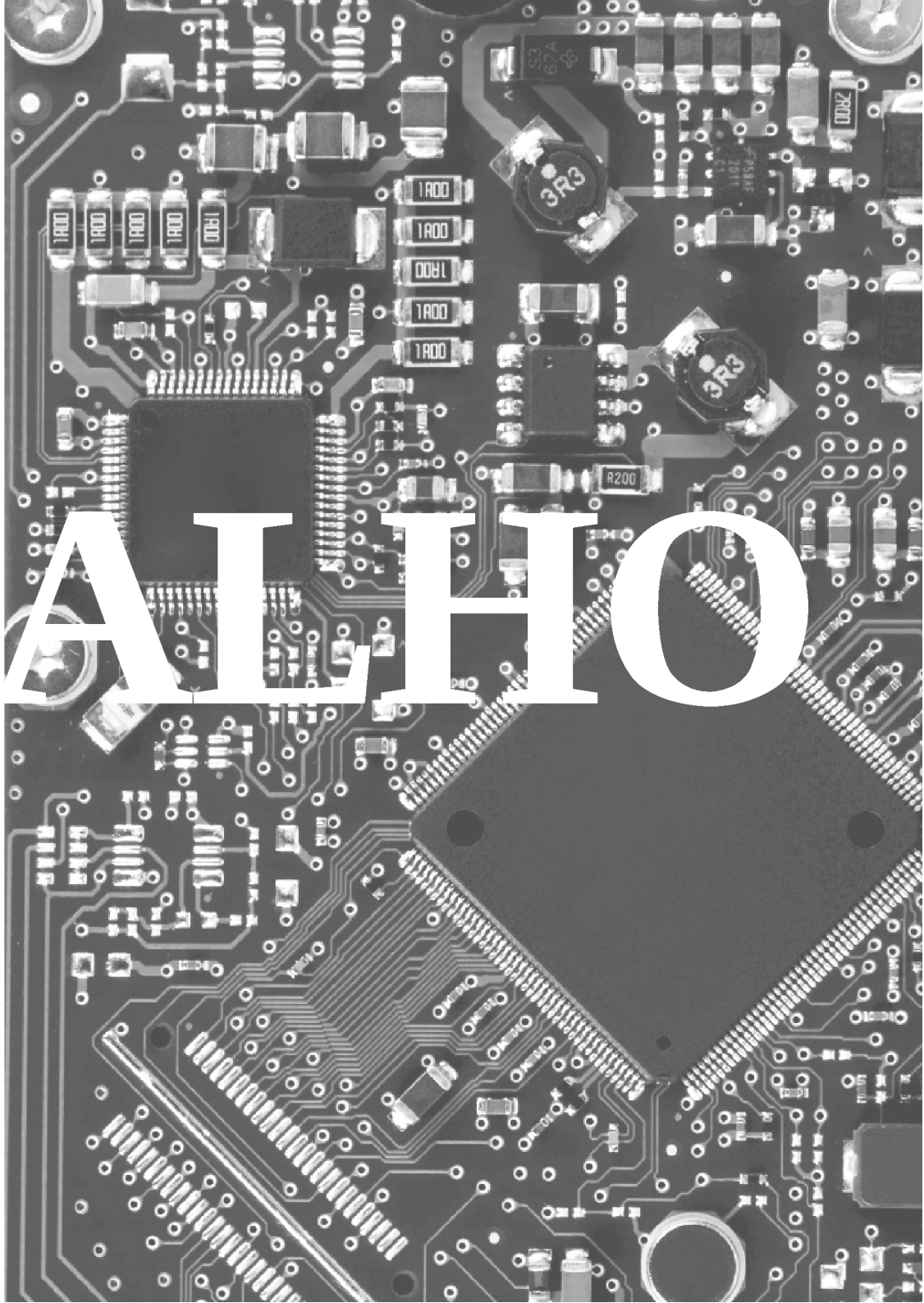
Esqueça a Economia — E Nós, Como Ficamos?

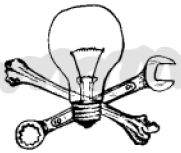
Quando a economia quebra, políticos e especialistas lamentam as conseqüências para a típica família trabalhadora. Eles exigem medidas de emergência — como dar bilhões de reais aos bancos que causaram a crise antes de mais nada, roubando das "típicas famílias trabalhadoras". O que está acontecendo?

Nos dizem que nossas vidas dependem da economia, que temos que fazer qualquer sacrifício para mantê-la funcionando. Mas pra maioria de nós, mantê-la funcionando é *sempre* um sacrifício.

Quando a economia quebra, as mineradoras param de explodir montanhas. As empreiteiras param de derrubar as matas para construir novos escritórios e condomínios. As fábricas param de despejar poluentes nos rios. A gentrificação para. As pessoas viciadas em trabalho revêem as suas prioridades. As prisões são forçadas a libertar detentas e detentos. As polícias não podem comprar mais armas. Os governos não podem mais pagar pela prisão em massa de manifestantes. Delegadas e delegados às vezes até mesmo se recusam a despejar famílias de casas com ordem de reintegração de posse.

É claro, outros milhões de pessoas passam fome e são forçadas a sair de seus lares. Mas o problema não é falta de habitação ou comida — não é a *crise* que causa isso, mas o fato de o sistema ainda estar funcionando. Muito antes da crise, as pessoas estavam sendo despejadas de seus lares enquanto prédios ficavam vazios e passavam fome enquanto depósitos de comida apodreciam. Se





Copyleft!2012 CrimethInc. Coletivo de Ex-Trabalhadoras;
propriedade é roubo — roube-a de volta
CrimethInc. Extremo Sul
www.crimepensar.noblogs.org
crimethinc.sul@riseup.net

O diagrama da pirâmide da sociedade capitalista é de
Packard Jennings: centennialsociety.com

Uma versão digital em alta resolução está disponível em:
crimepensar.noblogs.org

A obra original e uma variedade de artes de cartazes
estão disponíveis aqui: www.crimethinc.com/work

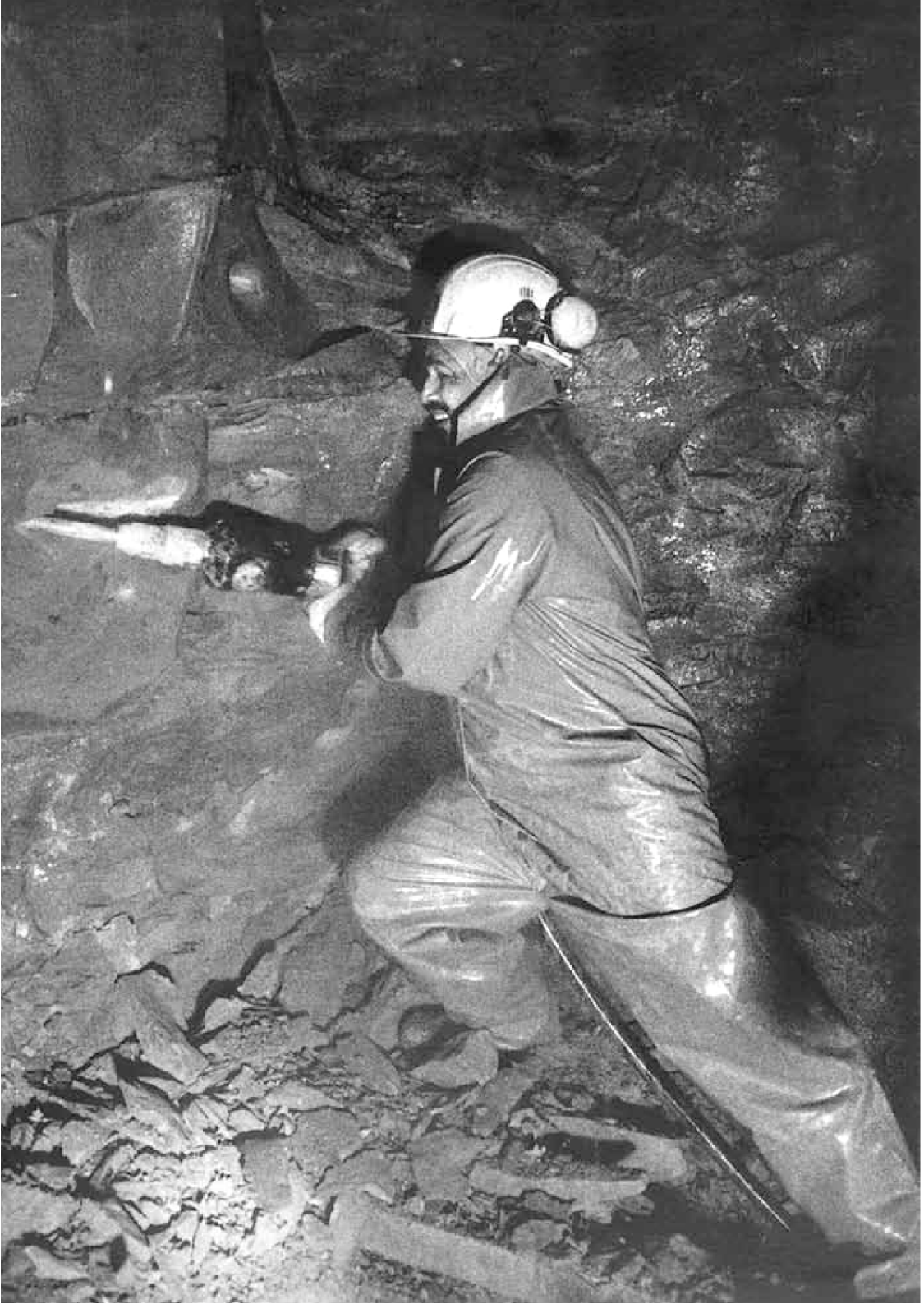
Você pode obter uma versão impressa do diagrama e
muitos outros materiais através de www.crimethinc.com

Esta é uma versão resumida da obra completa, publicada em
2011. Apreciamos muito P.O.S. e outras amigas dispostas
a apoiar e financiar este projeto e ajudar na sua distribuição.

O que exatamente é trabalho? Nós podemos defini-lo como qualquer *atividade com o objetivo de se fazer dinheiro*. Mas o trabalho escravo e estágios não-remunerados não são trabalho também? Podemos dizer que é a atividade que acumula lucro para *alguém*, quer ou não ela beneficie a pessoa que a executa. Mas isso significa que assim que você começa a ganhar dinheiro com uma atividade, ela se torna trabalho, mesmo que antes fosse um *prazer*? Talvez possamos definir trabalho como o esforço que tira de nós mais do que nos dá de retorno, ou que seja governado por forças externas.

Ou talvez só possamos compreender o que o trabalho é dando um passo para trás para enxergar o contexto no qual ele ocorre. Num mundo de "diversidade", algo nos une: estamos todas sujeitas à economia. Cristão ou muçulmano, comunista ou conservadora, em São Paulo ou St. Paul, você provavelmente tem que passar a maior parte do seu dia trocando tempo por dinheiro, ou fazer com que alguém faça isso por você, ou sofra as conseqüências.

O que mais você pode fazer? Se você se recusar, a economia continuará sem você; ela não precisa de você mais do que precisa das centenas de milhões de pessoas que já estão desempregadas, e não há sentido em passar fome por nada. Você pode se juntar a uma cooperativa ou comuna, mas você ainda terá que lidar com as mesmas pressões do mercado. Você pode fazer petições, lobby e protestar em nome das pessoas que trabalham em formas análogas à escravidão, mas mesmo que você obtenha sucesso em passar as reformas, elas — assim como você — ainda terão que trabalhar, seja em oficinas de costura ou em escritórios de ONGs. Você pode sair à noite com uma máscara preta e quebrar todas as vitrines do do bairro comercial, mas no dia seguinte você terá que fazer suas compras em outro local. Você pode ganhar um milhão de dólares e *ainda assim* passar sua vida correndo para manter todas outras pessoas sob controle. Até mesmo quando a classe trabalhadora derrubou governos para criar utopias comunistas, as pessoas acabaram tendo que voltar ao trabalho — se tivessem sorte.



Este pequeno livro é uma mensagem na garrafa para todas as pessoas que já suspeitaram que nossos empregos nos impedem de realizarmos todo nosso potencial.

São muitas pessoas, mesmo que a maioria nunca tenha expressado isso verbalmente. É difícil querer falar sobre isso quando parece que não há nada que possamos fazer a respeito.

A versão original contém mais 180 páginas que exploram a ilustração da pirâmide da economia capitalista, quadro a quadro; esta versão inclui os importantes pontos introdutórios e as conclusões. Quando P.O.S. nos questionou sobre a possibilidade de incluir uma cópia eletrônica do livro com seu álbum, nós admiramos a ambição da idéia e quisemos muito participar. A música deveria oferecer saídas de emergência deste mundo, não apenas férias temporárias.

Um livro não consegue fazer as coisas importantes. Ele não pode nos unir nas ruas ou prover novas formas de se viver. Tudo que ele pode fazer é colocar questões, iniciar um diálogo, deixar você saber que você não é a única pessoa, servir como um farol iluminando o caminho para a possibilidade de uma outra vida. O resto cabe a você, a todas nós. Por mais intimidador que possar ser dar início a este debate, estamos convencidas de que as coisas vão mudar — que elas têm que mudar. Vamos nos encontrar e fazer isso acontecer.

Neste momento, uma funcionária numa mercearia está organizando produtos transgênicos na prateleira ao invés de cuidar do seu jardim;

Um lavador de pratos está suando em frente a uma pia fumegando vapor enquanto pratos sujos são empilhados em sua cozinha;

Uma chefe de cozinha está recebendo pedidos de pessoas estranhas ao invés de cozinhar na festa do bairro;

Um publicitário está compondo jingles para sabão-em-pó ao invés de tocar músicas com seus amigos;

Uma mulher está numa creche cuidando das crianças de gente mais rica que ela ao invés de passar tempo com as suas;

Uma criança está sendo levada até lá ao invés de crescer junto às pessoas que a conhecem e amam;

Uma estudante está escrevendo uma tese sobre uma atividade que a interessa em vez de estar participando dela;

Um homem se masturba com pornografia na internet ao invés de explorar sua sexualidade com uma parceira;

Um ativista, cansado após um dia de trabalho duro, está assistindo a um filme de Hollywood para se entreter;

E uma manifestante que tem suas razões únicas para protestar está carregando uma placa produzida em massa por uma organização burocrática.

i. Trabalho

nosso tempo, mas também as nossas ambições, nossa sexualidade, nossos valores, nossa própria concepção do que significa ser humano — está tudo ocupado, moldado de acordo com as demandas do mercado.

E nós não somos o único território sob domínio do inimigo. A ocupação invisível de nossas vidas é um reflexo da ocupação militar de áreas às margens desta terra conquistada, onde armas e tanques ainda são necessários para garantir o direito à propriedade de magnatas corruptos e a liberdade de comércio das corporações às custas da população local hostil — onde algumas pessoas ainda se lembram como é a vida sem empréstimos, salários ou patrões.

Você pode não ser tão diferente delas, apesar de ter sido criada em cativeiro. Talvez no escritório de seu chefe, no setor de RH ou em brigas de casal, sempre que alguém tentava comandar a sua atenção e sua atenção não cooperou, você tenha recebido sermões por estar perdida em seus pensamentos. Isso significa que uma parte rebelde do seu ser ainda se apega a sonhos e fantasias, resquícios de esperanças de que a sua vida poderia, de alguma forma, ser algo além de uma *ocupação*.

Existe um exército rebelde à espreita, tramando a abolição da escravidão assalariada, tão certo quanto existem funcionárias em todo local de trabalho travando uma guerra de guerrilhas, através da vadiagem, de furtos e da desobediência — e você pode ser alistar, se você já não o fez. Mas antes de começarmos a fazer planos e de afiar nossas lanças, vamos dar uma olhada mais de perto em nosso inimigo.

I. A Ocupação

Ocupação. A palavra traz à mente imagens de tanques russos circulando pelas ruas do Leste Europeu, ou soldados dos E.U.A. patrulhando bairros hostis no Oriente Médio.

Mas nem toda ocupação é tão óbvia. Às vezes as ocupações duram tanto tempo que os tanques se tornam desnecessários. Eles podem voltar para os armazéns, contanto que o povo conquistado se lembre que eles podem voltar a qualquer momento — ou se comporte como se os tanques ainda estivessem ali, esquecendo porque faz isso.

Como você reconhece uma ocupação? Historicamente, os povos ocupados tinham que pagar tributos aos seus conquistadores, ou então prestar algum tipo de serviço a eles. Um tributo é uma espécie de aluguel que as pessoas de um território ocupado têm que pagar apenas para viver em suas próprias terras; e já o serviço... bem, qual é a *sua* ocupação? Você sabe, o que ocupa o seu tempo? Um emprego, provavelmente, ou talvez dois... ou está se preparando para um, ou se recuperando de um, ou procurando um. Você precisa desse emprego para pagar o seu aluguel ou financiamento, entre outras coisas — mas o prédio onde você vive não foi construído por pessoas como você, pessoas que também tinham que trabalhar para pagar o seu aluguel? O mesmo vale pra todos outros produtos pelos quais você precisa trabalhar para pagar — você e outras pessoas como você os fizeram, mas vocês precisam comprá-los de empresas como a que te emprega, empresas que nem te pagam todo o dinheiro que lucram com o teu trabalho, nem vendem seus produtos pelo preço que custa produzi-los. Elas mandam na tua vida!

Nossas vidas são território ocupado. Quem controla os recursos na sua comunidade, quem molda o seu bairro e as paisagens ao redor dele, quem define os seus horários dia após dia, mês a mês? Mesmo que você seja uma profissional autônoma, é *você* quem decide o que precisa fazer para ganhar dinheiro? Mentalize a sua idéia de felicidade perfeita — ela tem qualquer semelhança com as utopias que você vê nos anúncios publicitários? Não apenas o

Empregados despejam lixo tóxico em rios e oceanos.

Empregados massacram vacas e executam experimentos em macacos.

Empregados jogam fora toneladas de comida.

Empregados estão destruindo a camada de ozônio.

Estão observando todos seus movimentos pelas câmeras de segurança.

Eles despejam você quando você não paga seu aluguel.

O aprisionam quando você não paga seus impostos.

Eles humilham você quando você não faz o seu tema de casa ou não chega no horário para o trabalho.

Eles digitam informações sobre a sua vida privada em relatórios de crédito e arquivos da Polícia Federal.

Eles te multam por excesso de velocidade e guincham o seu carro.

Eles administram exames padronizados, centros de detenção juvenil e injeções letais.

Os soldados que arrebanharam as pessoas em câmaras de gás eram empregados, assim como os soldados ocupando o Iraque e o Afeganistão,

Assim como os homens-bomba que os atacam — são empregados de Deus, esperando ser pagos no paraíso.

A MITOLOGIA *do* TRABALHO

E se ninguém trabalhasse? Oficinas de costura se esvaziariam, linhas de montagem pariam, pelo menos aquelas produzindo coisas que ninguém faz de sua própria vontade. O telemarketing cessaria. Indivíduos detestáveis que só têm influência sobre outras pessoas por causa da sua riqueza e títulos teriam que aprender a interagir melhor. Acabariam os congestionamentos, assim como os derramamentos de óleo. Cédulas de dinheiro e currículos seriam usados para iniciar fogueiras, uma vez que as pessoas voltariam a trocar e compartilhar seus recursos. Ervas e flores nasceriam nas rachaduras das calçadas, abrindo caminho, eventualmente, para árvores frutíferas.

E todo mundo morreria de fome. Mas nós não sobrevivemos de papelada e avaliações de performance, né? A maior parte das coisas que fazemos por dinheiro são irrelevantes à nossa sobrevivência — e, além disso, a tudo que dá significado à vida.

O TRABALHO É NECESSÁRIO.

Isso depende do que você quer dizer com "trabalho". Pense em quantas pessoas gostam de jardinar, pescar, de carpintaria, de cozinhar e até mesmo de programar computador apenas pelo ato em si. Que tipo de atividade poderia prover para todas nossas necessidades?

Por séculos, as pessoas alegaram que o progresso tecnológico logo libertaria a humanidade da necessidade de trabalhar. Hoje temos capacidades que nossas ancestrais nem podiam imaginar, mas essas previsões ainda não se realizaram. Nos E.U.A., hoje se trabalha por mais tempo do que há algumas gerações — as pessoas pobres para conseguir sobreviver, as ricas para competir. Outras buscam por trabalhos autônomos desesperadamente, mal conseguindo aproveitar o lazer confortável que todo esse progresso deveria fornecer. Apesar de toda conversa de recessão e da necessidade de medidas de austeridade, as corporações relatam lucros recordes, os mais ricos, estão mais ricos do que nunca, e quantidades incríveis de bens são produzidos apenas para serem jogados fora. Existe riqueza o suficiente, ela apenas não está sendo usada para libertar a humanidade.

Que tipo de sistema produz abundância ao mesmo tempo em que nos impede de aproveitá-la? Quem defende o mercado livre argumenta que não existe outra opçao — e enquanto nossa sociedade for organizada desta forma, realmente não há.

Ainda assim, houve uma época, antes dos cartões de pontos e dos vale-refeição, tudo era feito sem trabalho. O mundo natural que provia para as nossas necessidades ainda não tinha sido moldado e privatizado. Conhecimento e habilidades não eram o domínio exclusivo de especialistas licenciados, nem mantidos como

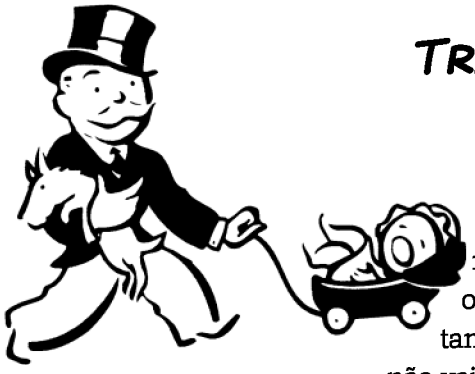
TRABALHO ENSINA RESPONSABILIDADE.

Quem executou a maioria das injustiças na história? *Pessoas fazendo seu trabalho.* Isso não quer dizer necessariamente que elas são *responsáveis* por isso — como elas mesmas fariam questão de te dizer!

O fato de receber um salário absolve você das suas ações? O trabalho parece fomentar a impressão de que sim. A defesa utilizada no julgamento de Nuremberg — "eu estava só seguindo ordens — tem sido o hino e álibi de milhões de trabalhadoras. A disposição de deixar sua consciência em casa antes de ir ao trabalho — de ser, na verdade, um mercenário — está na raiz de muitos problemas que assolam nossa espécie.

Pessoas já fizeram muitas coisas horríveis sem que fossem mandadas — mas esse número não chega nem perto. Você pode argumentar com uma pessoa que está agindo de vontade própria; ela reconhece que e é responsável pelas suas decisões. Por outro lado, pessoas empregadas podem fazer coisas incrivelmente burras e destrutivas enquanto se recusam a pensar nas conseqüências.

O verdadeiro problema, é claro, não são pessoas empregadas se recusando a assumir a responsabilidade por suas ações — é o sistema econômico que faz com que assumir responsabilidade seja proibitivo de tão caro.



Trabalho provê segurança.

Digamos que o seu trabalho nunca machuque, envenene ou deixe você doente. Vamos também supor que a economia não vai quebrar e levar embora o seu emprego e suas economias, e que ninguém que está numa situação pior que a sua vai machucar ou roubar você. Você ainda não pode ter certeza que não será demitida. Hoje em dia, ninguém trabalha para a mesma empregadora durante toda sua vida; você trabalha em algum lugar por uns anos até que te trocam por uma pessoa mais jovem e mais barata ou terceirizam o seu trabalho pra uma empresa do outro lado do oceano. Você pode se quebrar para provar que você é a melhor da área e ainda assim ficar desempregada.

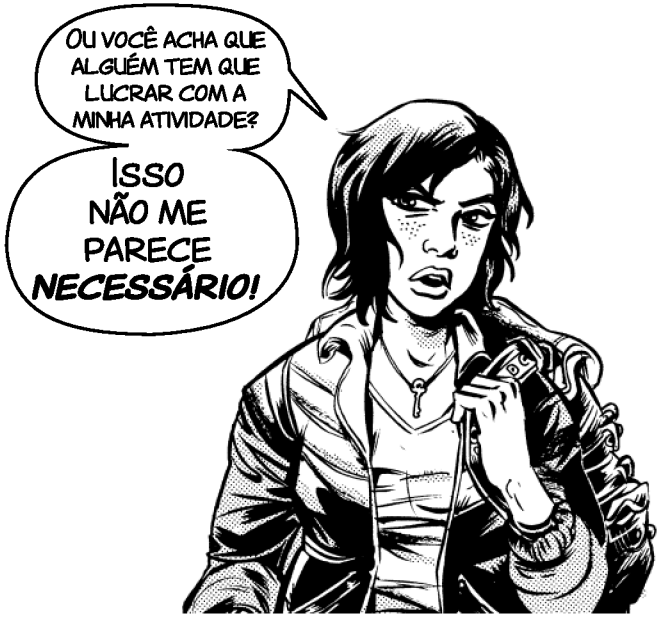
Você tem que contar que suas empregadoras tomará decisões inteligentes de forma que consiga te pagar no fim do mês — elas não podem simplesmente queimar dinheiro ou não terão para te pagar. Mas você não sabe quando esta inteligência se voltará contra você: as pessoas de quem você depende para o seu sustento não chegaram lá por serem sentimentais. Se você é uma profissional autônoma, então você provavelmente sabe como o mercado pode ser instável.

O que poderia nos dar segurança real? Talvez fazer parte de uma comunidade de longo prazo na qual as pessoas cuidam umas das outras, uma comunidade baseada na ajuda mútua ao invés de em incentivos financeiros. E qual hoje é um dos principais obstáculos à construção desse tipo de comunidade? *O trabalho.*

reféns de instituições caras; o tempo não era dividido entre trabalho produtivo e lazer consumista.

Sabemos disso porque o trabalho foi inventado há apenas alguns milhares de anos, mas os seres humanos estão aí há centenas de milhares. Nos dizem que a vida naquela época era "solitária, pobre, suja, brutal e breve" — mas essa descrição é contada por quem erradicou esse estilo de vida, não por quem a praticou.

Isso não quer dizer que devemos voltar a como as coisas eram, ou que podemos — somente que as coisas não precisam ser do jeito que são agora. Se nossas ancestrais distantes pudessem nos ver hoje, elas provavelmente ficariam empolgadas com algumas de nossas invenções e horrorizadas com outras, mas elas certamente ficariam chocadas com a forma que as utilizamos. Nós construímos este mundo com nosso trabalho, e, sem certos obstáculos, com certeza poderíamos construir um ainda melhor. Isso não significa aprender tudo o que aprendemos. Significaria apenas abandonar tudo o que aprendemos que *não funciona*.



O TRABALHO É PRODUTIVO.

Ninguém pode negar que o trabalho é produtivo. Apenas alguns milhares de anos de trabalho transformaram dramaticamente a superfície da terra.

Mas o que exatamente ele produz? Copos descartáveis aos bilhões; notebooks e celulares que ficam obsoletos em alguns anos. Quilômetros de lixões e toneladas e toneladas de clorofluorcarbono. Fábricas que enferrujarão assim que a mão de obra ficar mais barata em outro lugar. Lixeiras cheia de excessos de produção, enquanto um bilhão de pessoas sofrem de subnutrição; tratamentos médicos que só pessoas ricas podem pagar; livros, filosofias e movimentos artísticos para os quais a maioria de nós não tem tempo numa sociedade que subordinas os desejos ao lucro e as necessidades ao direito de propriedade.

E de onde vêm os recursos para toda essa produção? O que acontece com os ecossistemas e comunidades que são saqueados e explorados? Se o trabalho é produtivo, ele é ainda mais *destrutivo*.

O trabalho não produz bens do nada; não é um passe de mágica. Pelo contrário, ele tira materiais brutos da biosfera — um banco público compartilhado por todas criaturas vivas — e os transforma em produtos animados pela lógica do mercado. Para quem vê o mundo numa ótica de balanço patrimonial, isso é uma melhora, mas o resto de nós não deveria acreditar no que dizem.

Capitalistas e socialistas sempre aceitaram a idéia de que o trabalho produz valor. Quem trabalha deve refletir sobre uma outra possibilidade: a de que o trabalho *gasta* o valor. É por isso que as florestas e as calotas polares estão sendo consumidas junto com as horas de nossas vidas: a dor em nosso corpo quando chegamos em casa depois do trabalho são é paralela ao dano que acontece

gases de efeito estufa? É irônico que uma catástrofe causada pelo consumismo capitalista posse ser usada para incentivar mais consumo, mas isso diz muito sobre o tipo de iniciativa que o trabalho encoraja. Que tipo de pessoa, ao ser confrontada com a tarefa de evitar o fim da vida na terra, responde: "Claro, mas o que *eu* ganho com isso?"

Se tudo na nossa sociedade deve ser movido pelo lucro para ter sucesso, isso não é iniciativa, afinal, é outra coisa. Realmente tomar iniciativa, dando início a novos valores e novos formas de comportamento — isso é tão inimaginável ao homem de negócios empreendedor quanto para a trabalhadora mais letárgica. E se o trabalho — ou seja, o aluguel de nossos poderes criativos a outras pessoas, sejam gerentes ou clientes — na verdade *corrói* a iniciativa?

A evidência disso vai além do local de trabalho. Quantas pessoas que não perdem um dia de trabalho não conseguem chegar no horário para o ensaio da banda? Não temos tempo para ler, mesmo quando terminamos as tarefas da escola a tempo; as coisas que *realmente* queremos fazer com nossas vidas acabam ficando no fim da lista de tarefas. A habilidade de levar adiante nossos compromissos se torna algo impossível para nós, e é associada com recompensas ou punições externas.

Imagine um mundo onde tudo que as pessoas fizessem, elas fizessem porque *querem*, por estarem pessoalmente interessadas em fazer isso acontecer. Para qualquer patrão que teve dificuldade em motivar funcionárias apáticas, a idéia de trabalhar com pessoas que estão igualmente interessadas nos mesmos projetos parece utopia. Mas isso não quer dizer que nada seria feito sem patrões e salários — apenas mostra como o trabalho nos despe de iniciativa.

ração em geração. A responsabilidade de finalmente aproveitar toda a felicidade supostamente economizada ao longo de anos de um trabalho ingrato é passada às crianças; ainda assim, quando elas crescem, se quiserem ser vistas como adultas responsáveis, elas também devem começar a trabalhar até suas mãos sangrarem.

Mas alguém tem que assumir essa responsabilidade.

"Se o trabalho duro fosse uma coisa tão incrível, certamente os ricos teriam ficado com todo ele pra si."

– Lane Kirklad

O TRABALHO ENCORAJA A INICIATIVA.

As pessoas trabalham duro hoje, com certeza. Vincular o acesso a recursos à performance no mercado levou a uma produção e progresso tecnológico sem precedentes. De fato, o mercado monopolizou o acesso à nossa própria capacidade criativa a tal ponto que muitas pessoas trabalham apenas pra *ter algo que fazer*. Mas qual tipo de iniciativa isso produz?

Vamos voltar ao aquecimento global, uma das crises mais sérias com que o planeta se depara. Após décadas de negação, políticos e empresários finalmente foram convencidos a fazer algo a respeito. E o que estão fazendo? Pensando em formas de lucrar? Créditos de carbono, carvão "limpo", investimento "verde" — quem acredita que essa é a forma *mais efetiva* de reduzir a emissão de em escala global.

O que deveríamos estar produzindo, senão esse monte de coisas? Bem, que tal felicidade? Será que conseguimos imaginar uma sociedade onde o principal objetivo de nossa atividade seja aproveitar a vida ao máximo, explorar seus mistérios, ao invés de acumular riquezas ou superar a competição? Ainda produziríamos bens materiais em tal sociedade, é claro, mas não para competir por lucro. Festivais, banquetes, filosofia, romance, buscas criativas, cuidar das crianças, amizades, aventura — podemos visualizar isso como centro da vida, ao invés de empilhados em nosso tempo livre? Hoje as coisas são ao contrário — a nossa concepção de felicidade é construída de forma a estimular a produção. Não é nenhuma surpresa que o mundo esteja tão cheio de coisas que não há mais espaço para nós.

TRABALHO CRIA RIQUEZA.

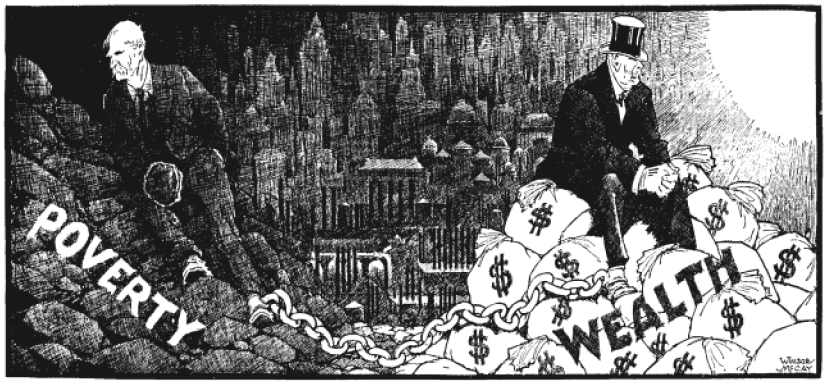
O trabalho não simplesmente cria riqueza onde antes tinha pobreza. Pelo contrário, quando ele enriquece uma pessoas às custas das outras, o trabalho também cria *pobreza*, diretamente proporcional ao lucro.

A pobreza não é uma condição objetiva, mas uma relação produzida pela distribuição desigual de recursos. Não existe tal coisa como pobreza em sociedade onde as pessoas compartilham tudo. Pode haver escassez, mas ninguém tem que passar pela indignidade de ter que ficar sem enquanto outras pessoas tem mais do que podem utilizar. À medida que o lucro se acumula e o nível de riqueza necessária para exercer influência sobre a sociedade cresce cada vez mais, a pobreza se torna cada vez mais incapacitadora. É uma espécie de exílio — a forma mais cruel de exílio, pois vo-

cê fica dentro da sociedade ao mesmo tempo em que é excluída dela. Você não pode nem participar, nem ir para outro lugar.

O trabalho não apenas cria pobreza junto com a riqueza — ele concentra a riqueza nas mãos de poucas pessoas enquanto espalha a pobreza por todo lado. Para cada Bill Gates, um milhão de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza; para cada petroleira Shell, deve haver uma Nigéria. Quanto mais trabalhamos, mais lucro é acumulado graças ao nosso trabalho, e mais pobres nós ficamos em comparação com quem nos explora.

Então, além de criar riqueza, *o trabalho empobrece as pessoas*. Isso fica claro mesmo antes de considerarmos todas as outras formas com as quais o trabalho nos deixa pobres: pobres de autodeterminação, pobres de tempo livre, pobres de saúde, pobres em nos concebermos além de nossas carreiras e contas bancárias, pobres de espírito.



O TRABALHO É UM CAMINHO PARA A SATISFAÇÃO.

Pelo contrário, ao invés de capacitar as pessoas a alcançar a felicidade, o trabalho fomenta o pior tipo de negação de si.

Obedecer a professores, patrões, às demandas do mercado — pra não falar de leis, expectativas dos pais, escrituras religiosas, normas sociais — somos condicionadas desde a infância a abrir mão de nossos desejos. Seguir ordens se torna um reflexo involuntário, seja isso ou não o melhor para nós; delegar a especialistas se torna instintivo.

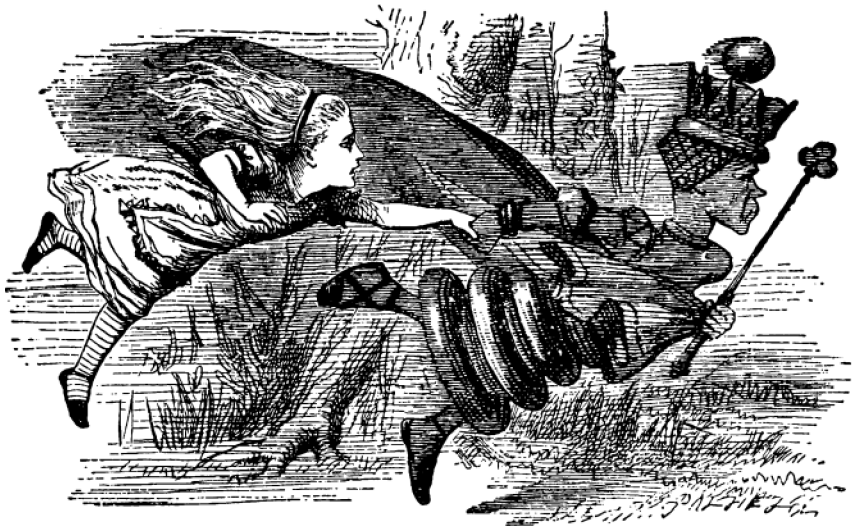
Ao vender nosso tempo livre em vez de fazer as coisas que gostaríamos, nós aprendemos a avaliar as nossas vidas com base no quanto podemos receber em troca delas, não pelo que podemos aproveitar nelas. Como escravos freelance, vendendo nossas vidas por hora, passamos a enxergar nós como cada pessoa tendo um preço; o valor do preço se torna nossa própria medida de valor. Nesse sentido, nos tornamos mercadorias, assim como o creme dental e o papel higiênico. O que antes era um ser humano agora é um empregado, da mesma forma que o que antes era um porco agora é presunto. Nossas vidas desaparecem, gastas como o dinheiro pelo qual as trocamos.

Com freqüência nos acostumamos tanto a abrir mão de coisas que são importantes para nós que o *sacrifício* passa a ser a nossa única forma de expressar que nos importamos com algo. Nos martirizamos por idéias, causas, amor, até mesmo quando essas coisas deviam nos ajudar a encontrar a felicidade.

Existem famílias, por exemplo, onde as pessoas demonstram carinho competindo para ser aquela que abre mão de mais coisas pelas outras. A gratificação não é apenas adiada, é passada de ge-

tras formas de se viver foram erradicadas — elas foram extinguidas por conquistadores, comerciantes de escravos e corporações que não deixaram nenhuma tribo ou ecossistema intacto. Ao contrário da propaganda capitalista, seres humanos livres não se amontoam em fábricas por uma ninharia se tivessem outras opções, nem mesmo em troca de tênis de marca e programas de computador.

Quando trabalhamos, compramos e pagamos contas, cada uma de nós ajuda a perpetuar as condições que impõem essas atividades. O capitalismo existe porque entregamos tudo a ele: nossa energia e engenhosidade ao mercado de trabalho, todos nossos recursos ao supermercado e à bolsa de ações, toda nossa atenção à mídia. Mais precisamente, o capitalismo existe porque ele *é* nossas atividades diárias. Mas nós continuaríamos a reproduzi-lo se achássemos que há outra opção?



"Um país meio lento!" disse a Rainha. "Aqui, veja bem, você precisa correr o mais rápido possível, apenas para ficar no lugar. Se você quiser ir a algum lugar, você precisa correr pelo menos duas vezes mais rápido que isso."

"Por favor, eu prefiro não tentar!" disse Alice.

POR DEUS, CAVALHEIROS, NÓS NÃO PODEMOS TODOS SER BILIONÁRIOS – ISSO SERIA APENAS ***INFLAÇÃO***.
SÉRIO AGORA! PRA ALGUÉM SER RICO, ***ALGUÉM*** TEM QUE SER POBRE.

VOCÊ PRECISA TRABALHAR PARA TER UM SUSTENTO.

As estimativas de "custo de vida" são enganosas — tem pouca vida acontecendo aí! "Custo de trabalho" é mais adequado, e não é barato.

Todo mundo sabe quem vive de fazer faxina e lavar pratos paga por ser a espinha dorsal da nossa economia. Todos os flagelos da pobreza — o vício, famílias despedaçadas, saúde debilitada — são o mínimo a se esperar; quem sobrevive a eles e de alguma forma continua chegando no horário está fazendo milagre. Pense no que essas pessoas poderiam realizar se fossem livres para utilizar essa energia a algo além de gerar lucro para seus empregadores! Mas e o seus empregadores, que têm sorte de estarem mais altos na pirâmide? Você pensaria que ter um salário mais alto significaria ter mais dinheiro e, portanto, mais liberdade, mas não é tão simples. Todo o emprego tem custos ocultos: assim como quem lava pratos tem que pagar pela passagem de ônibus para ir e voltar do trabalho todo dia, uma advogada corporativa tem que ser capaz de voar a qualquer lugar num piscar de olhos, tem que ser associada ao Country Club para reuniões informais de trabalho, tem que ter uma pequena mansão para entreter suas convidadas/clientes com jantares elegantes.

É por isso que é tão difícil para trabalhadoras de classe média economizar dinheiro suficiente para parar de se matar e levar uma vida mais tranqüila: pois se matar trabalhando na economia é basicamente manter as coisas como estão. Na melhor das hipóteses você pode ir para um escritório melhor, mas você vai ter que trabalhar mais ainda para se manter lá.

E esses custos puramente financeiros do trabalho são os menos caros. Em um enquete, pessoas de todos os tipos tiveram que dizer quanto dinheiro elas precisariam para levar a vida que gostariam; das mais pobres às mais ricas, quase todas elas responderam que seria o dobro de sua renda atual.

Então o dinheiro não é apenas custoso para se obter, mas, como qualquer droga viciante, ele cada vez satisfaz menos! E quanto mais você sobe na hierarquia, mais você tem que lutar para manter sua posição.

O rico executivo deve abandonar as suas paixões incontroláveis e a sua consciência, deve convencer a si mesmo que ele merece mais que as pessoas infelizes cujo trabalho provê para o seu conforto, deve abafar todo impulso de questionar, de compartilhar, de imaginar a si mesmo no lugar das outras; se ele não o fizer, mais cedo ou mais tarde outra pessoa o substituirá. Tanto quem faz trabalho braçais como o pessoal do colarinho branco têm que se matar para manter os empregos que lhes permitem viver; é só uma questão de destruição física ou espiritual.

Esses são os custos que pagamos individualmente, mas também há um custo global para todo esse trabalho. Além dos custos ambientais, existem doenças, lesões e mortes relacionadas ao trabalho: todo ano nós matamos pessoas aos milhares para vender hambúrgueres e planos de saúde a quem sobrevive.

O Departamento de Trabalho dos E.U.A. relatou que morreram o dobro de pessoas em acidentes de trabalho em 2001 do que nos ataque do 11 de Setembro, e isso sem levar em conta as doenças relacionadas ao trabalho. Sobretudo, mais exorbitante que qualquer outro preço, é o custo de nunca aprendermos a dirigir nossas próprias vidas, nunca tendo a chance de responder ou sequer perguntar a questão de o que faríamos com nosso tempo neste planeta se dependesse de nós. Nós nunca saberemos de tudo que estamos abrindo mão ao aceitarmos um mundo onde as pessoas estão muito ocupadas, são muito pobres ou estão muito abatidas para se questionar.

Por que o trabalhar, se é tão caro? Todo mundo sabe a resposta — não existe outra forma de adquirir os recursos que precisamos para sobreviver, ou, aliás, para apenas participar da sociedade. Todas as estruturas sociais mais antigas que tornavam possíveis ou-

Testemunho III: **Comércio**

Esta é uma história em duas cidades. Ambas são subúrbios da mesma metrópole do Cinturão da Ferrugem*, mas grandes o suficiente para serem cidades grandes por si só. Elas compartilham do mesmo sistema de ônibus local e o mesmo jornal. O que as separa são 16km de alastramento urbano e um abismo gigantesco de privilégio de classe.

Esta é uma história em duas cidades. Ambas são subúrbios da mesma metrópole do Cinturão da Ferrugem; compartilham do mesmo sistema de transporte público e do mesmo jornal. Mas são separadas por 16km de alastramento urbano e um imenso abismo de privilégio de classe.

A primeira cidade, vamos chamá-la de Huffmanville, é a quintessência dos subúrbios. Mansões com gramados verdes, mantidos à base de químicos, pipocam em vias serpenteantes sem calçadas. A região central comercial é promovida por toda área metropolitana como uma "destinação de compras", e a própria cidade é classificada como um local desejado onde se viver e adquirir propriedades. Prédios históricos, onde empresas que existiam há gerações foram há muito tempo forçadas a sair pelos altos aluguéis, agora abrigam lojas de roupas de alto padrão, butiques de vinhos e uma livraria corporativa. Restaurantes caros e da moda rivalizam com os da metrópole. Pessoas brancas atraentes podem ser vistas correndo por uma rede de ciclovias de lazer, roupas de elastano apertando suas bundas e aparelhos eletrônicos na cabeça.

A outra cidade, vamos chamá-la de New Stolp, é o que os especialistas chamam "cidade satélite" ao invés de um verdadeiro subúrbio. Ela costumava ser uma cidade em separado antes da ex-

* Cinturão da Ferrugem, Rust Belt, no original, é uma região dos E.U.A. hoje empobrecida e degradada, pelo declínio econômico causado pela decadência da sua antes poderosa indústria.

BASTA!

VOCÊ TEM QUE PAGAR PELO SEU PRÓPRIO DESTINO – MESMO QUE ISSO SIGNIFIQUE FAZÊ-LO ÀS CUSTAS DE TODAS OUTRAS PESSOAS!
QUALQUER OUTRA COISA É IRRESPONSÁVEL, SUICIDA, UM PECADO CONTRA DEUS, UMA TRAIÇÃO A SEUS PRÓPRIOS PAIS, UM TAPA NA CARA DE TODOS POBRES COITADOS QUE NÃO TÊM OUTRA ESCOLHA, E UMA VIOLAÇÃO DOS TERMOS DA SUA CONDICIONAL – PRA NÃO DIZER PROVA DE QUE VOCÊ É UM GAROTO MIMADO COM UMA POUPANÇA GORDA!

Vamos deixar isso claro: criticar o trabalho não significa rejeitar o labor, o esforço, a ambição ou o compromisso. Não significa exigir que tudo seja divertido ou fácil. Lutar contra as forças que nos obrigam a trabalhar é um trabalho duro. A preguiça não é a alternativa ao trabalho, embora possa ser um *subproduto* dele.

O ponto principal é simples: todas nós merecemos tirar o máximo do nosso potencial como acharmos melhor, ser mestres de nossos próprios destinos. Sermos forçadas a vender essas coisas para sobreviver é trágico e humilhante. *Não precisamos viver assim.*

voltou a usar os computadores.

Os computadores eram tão eficientes que nós mal víamos os gringos responsáveis. A supervisão humana era quase irrelevante. O controle era ininterrupto e praticamente invisível — o ideal para um departamento de Recursos Humanos corporativo. O patrão não tinha que nos vigiar com um chicote: ele estava pendurado em nossos pescoços, dentro de nossas cabeças.

Faz um tempão desde que trabalhei na estufa, mas eu continuo pensando nos computadores de mão. Eles me dão uma perspectiva diferente sobre as tecnologias que todo mundo aceita sem questionar hoje em dia. Muitos deles são parte da nossa vida fora do trabalho —eles realmente são "nossas" máquinas — mas isso apenas lhes dá mais acesso a nós.

Sempre que meus amigos e amigas me enviam mensagens de texto, eu imagino cópias aparecendo instantaneamente nos bancos de dados federais e corporativos. Quando atualiza seu perfis online, eu imagino quanto tempo levará até que empregadores e senhorios usem o mesmo sistema para nos rastrear, ajustando nossos salários e cauções de acordo. E se a nossa produtividade no trabalho, nossas avaliações de crédito, quantos "amigos" temos e quantas visualizações nossos vídeos alcançam forem todas correlacionadas numa "avaliação de eficiência" indicando o nosso valor econômico total? E se *nuestras maquinas* pudessem ser conectadas diretamente ao mercado de ações de forma que investidores pudessem comprar e vender ações em tempo real, à medida que as avaliações mudam? E se todas nós tivéssemos ações nessa bolsa — não apenas financeiras, mas também de atenção e status social? Seria possível então distinguirmos nós mesmas de nossos papéis econômicos?

Talvez eu não devesse ser tão desconfiado. No Egito, as pessoas usaram as mesmas tecnologias para coordenas manifestações massivas — entretanto assim que elas decolaram o governo cortou a internet. Podemos fazer algo assim aqui, ou estamos muito ocupadas construindo nossas personagens virtuais? Eles cortariam a nossa internet também — ou talvez nunca precisem?

eu tinha que digitar quantas caixas eu tinha colhido. Caixa por caixa, fileira por fileira, eu prestava contas de todo minuto do dia.

Todo dia, depois do trabalho, nós colocávamos nossos computadores em suportes de metal na frente do escritório, e todos os dados que geramos eram automaticamente transferidos para um banco de dados gigante. Nossas máquinas — é assim que as chamávamos, *nuestras maquinas* — então nos davam uma "nota de eficiência" expressa como porcentagem. “109,” minha máquina mostraria no fim de um dia particularmente árduo, indicando que eu tinha realizado 109% do que um gringo em terno e gravata tinha determinado que era o trabalho aceitável para um dia.

Quando as "máquinas" chegaram pela primeira vez, o supervisor nos disse que a pessoa que tivesse a melhor nota de eficiência de cada semana tiraria um dia de folga remunerado. É difícil conceber o quão profundamente isto ameaçava a nossa cultura de solidariedade. Entre os tomateiros, todo mundo se movia com mais ou menos a mesma velocidade. As pessoas mais rápidas voltavam atrás para ajudar as mais lentas com suas fileiras, e todo mundo terminava quase simultaneamente, com suas caixas cheias de tomates. Com a ameaça de serem enviadas de volta ao México no ar, a última coisa que qualquer pessoa queria era chamar a atenção para si, se destacando como mais rápida ou mais lenta que as demais.

Mas sob o novo regime dos computadores, a anonimidade protetora de se mover em velocidade igual foi temporariamente rompida, quando cada pessoa apressava o passo para melhorar a sua porcentagem ao mesmo tempo em que se ressentia das outras por ameaçarem o seu desempenho ao fazerem o mesmo. Até que todo mundo se uniu e se recusou a usar os computadores. Uma trégua desconfortável reinou por alguns dias até que a gerencia retaliou enviando seis pessoas suspeitas de serem líderes de volta ao México e revogando o prêmio para quem trabalhasse mais rápido. As trabalhadoras que foram enviadas de volta pra casa foram substituídas por trabalhadoras pejotizadas da Jamaica — uma tática descarada de dividir para conquistar. Todo mundo cedeu e

ii. A Economia

Testemunho II: **Produção**

Há vários anos, eu trabalhava num complexo de 17 hectares de estufas, no coração da indústria de tomates da América do Norte.

O ambiente dentro da estufa era todo controlado por computador, aquecido com vapor e água quente de um imenso sistema de aquecedores e canos e resfriado por ventiladores e basculantes automáticas. Os tomateiros cresciam anormalmente grandes, mantidos por complicados aparelhos. Eles eram regados automaticamente por mangueiras, plantados em "Lã de Rocha de Horticultura", embebidos de químicos, espichados e inchados por fertilizantes, pendurados por cordas, com suas folhas podadas e polinizados por abelhas que viviam em colméias de papelão empilhadas pelos cantos como condomínios em miniatura. As colméias inevitavelmente se esvaziavam, pois as abelhas sucumbiam aos pesticidas; elas eram periodicamente substituídas por novos condomínios de papelão.

Nós usávamos "chaves" magnéticas redondas para entrar e sair do armazém; um alarme estridente tocava sempre que uma porta ficava aberta por muito tempo. Toda funcionária recebia um cartão de ponto de plástico que devia passar na máquina no começo e no fim de todo dia de trabalho. Uma placa ao lado do relógio de ponto dizia: QUEM NÃO BATE NÃO RECEBE.

Todas nós recebíamos computadores de mão selados em embalagens a prova d'água. Nós os usávamos com cordões amarrados a nossos cintos ou ao redor do pescoço, e enquanto a gente trabalhava tinha que registrar tudo o que fazia neles. Toda manhã eu digitava meu número de empregado, minha tarefa e o número da estufa e da fileira. O computador de mão marcava o meu tempo; ele contava até eu ter terminado a fileira, ou quando fizesse uma pausa, ou mudasse de tarefa. Então, se eu estava colhendo,

missões e realocando as vagas de trabalho para locais menos caros, eu finalmente me tornei redundante durante a crise de 2008. Eu sabia tudo sobre o processo — era minha tarefa explicar a política da empresa para as pessoas que estávamos demitindo — mas eu descobri o choque que era estar do outro lado: "Nós não estamos nos livrando de todo mundo, mas estamos nos livrando de *você*."

Por anos eu pensei em trabalhar para uma empresa não-lucrativa, mas crise era o pior momento pra ser demitido. Não haviam muitos empregos disponíveis, e quanto mais alto é o seu salário, mais você demora para encontrar uma nova vaga. Depois de muito tempo eu consegui um emprego numa empresa de saúde sem fins lucrativos.

No fim das contas, não era muito diferente de uma empresa lucrativa. De fato, estavam contratando muitas pessoas do setor financeiro — profissionais como eu que tinham supervisionado o aperfeiçoamentos de corporações e depois tinham sido elas mesmas demitidas — para que a firma pudesse se tornar mais competitiva. Agora ela também está sendo reestruturada e demitindo funcionárias.

Algumas semanas depois eu estava no elevador com uma gerente que havia trabalhado lá por anos. Ela estava feliz com as demissões: ela disse que tinham deixado a firma mais eficiente, e assim ela poderia cumprir sua missão de forma mais eficiente. E aqui estava novamente, o mantra do interesse de acionistas em novo formato. Enquanto as organizações servirem a fins abstratos ao invés de a pessoas de carne e osso, não fará diferença se essas abstrações representam acionistas, clientes ou até mesmo o bem comum.

Entendendo a Economia

A economia se estende infinitamente em todas direções ao nosso redor. Parece impossível compreender como funciona. Como alguém poderia conceber as atividades de bilhões de seres humanos?

A idéia de que você precisa *entender completamente a economia* para chegar a qualquer conclusão sobre ela serve somente para calar as pessoas. Por essa lógica, somente os economistas mais informados têm o direito de escolher onde ir trabalhar de manhã. Não importa quão informadas estejamos, todo o tempo nós temos que escolher se continuamos o que estamos fazendo ou se tentamos outra coisa.

Talvez a gente possa começar de onde estamos, olhando para aquilo que nos é familiar. Se existem princípios gerais que governam o capitalismo, eles devem estar visíveis onde quer que estejamos. De acordo com esta visão, um economista não é necessariamente mais qualificado para falar sobre a economia do que uma diarista.

Existem muitas formas de estruturar uma análise da economia. Uma abordagem convencional é dividí-la em setores de acordo com os processos de produção e consumo: o primeiro setor envolve a extração direta de recursos como a mineração e a agricultura, o segundo setor inclui a fabricação e a construção, o setor três é a indústria de serviços, e assim por diante. No século 19, mais de dois terços da classe trabalhadora estava no setor primário; hoje, mais de 80% da força de trabalho está no terceiro setor.

Mas se quisermos focar em quem se beneficia com o estado atual das coisas, faz mais sentido dividir tudo de acordo com outros critérios. Estudando o fluxo do capital, podemos dizer que existem três categorias básicas: **capitalistas**, que lucram com o trabalho de outras pessoas; as pessoas **exploradas**, cuja atividade

rende lucro à outras pessoas; e as **excluídas**, que são deixadas fora da equação e têm que sobreviver às margens da economia. Essas categorias não são excludentes ou permanentes; algumas pessoas ocupam diversas posições ao mesmo tempo ou durante fases diferentes de sua vida.

Capitalistas não fazem dinheiro apenas com sua atividade, mas também através do que possuem. É preciso dinheiro para fazer dinheiro, diz o ditado. Empresárias, senhorios e grandes acionistas são capitalistas. Assim como executivos recebem salários gordos graças ao dinheiro produzido pelos esforços de outras pessoas. Uma funcionária que possui uma pequena quantidade de ações da empresa pode ser chamada de microcapitalista.

Capitalistas tiram seu lucro das atividades das pessoas **exploradas**. A maioria das exploradas só pode ganhar dinheiro através do seu trabalho, então é fácil para empregadores pagar-lhes menos do que o valor que produzem. Quando os bancos e companhias de cartão de crédito lucram em cima do débito das pessoas, eles as estão explorando, da mesma forma que uma corporação que paga três reais para uma funcionária fazer um par de tênis que é vendido a R$500.

Incontáveis milhões de pessoas estão à mercê da economia, mas são **excluídas** de participar dela. As pessoas desempregadas e sem-teto são excluídas, assim como a maior parte das moradoras de favelas e cortiços ao redor do mundo. Quem está presa com freqüência é excluída e explorada, tendo que realizar trabalhos forçados por uma ninharia que é basicamente trabalho escravo. Ser excluída não é o mesmo que estar fora do mercado — as pessoas miseráveis são pobres precisamente porque estão *dentro* do capitalismo.

É claro, esta é apenas uma versão da história. Um fã de filmes de terror pode usar uma linguagem diferente: *vampiros, robôs, zumbis*. Também poderíamos estruturar nossa análise em termos de produção e consumo, ou de trabalho material versus imaterial. E ao lado dessas estruturas econômicas estão outras estruturas de

elas — todas tinham pés-de-meia generosos — e fez com que todo mundo nos níveis abaixo gostasse dele. Ele se beneficiou desse gesto pelos próximos três anos, enquanto realocava ou demitia outros 30% da força de trabalho.

Tudo isso indica uma dissonância cognitiva nas atitudes da gerencia em relação às pessoas empregadas. Eles as amam, nutrem, recompensam — enquanto tramam para se livrar das suas posições.

O que motivou esses líderes? Como eles dormem à noite? A resposta mais simples é que eles acreditam realmente no capitalismo. "Quando o nível da água sobe, todos os barcos sobem" — eles abraçam essa idéia para justificar o fluxo de dinheiro aos ricos. Eles acreditam na teorias de redistribuição e em quase toda prática que mantenha o dinheiro fluindo, especialmente para cima e para os lados. As suas próprias experiências de vida reforçaram essas crenças. As pessoas que trabalham em suas organizações muitas vezes sentiam o mesmo, ou esperavam sentir. Somente quando a economia entrou em queda livre algumas de minhas colegas arriscaram questionar o sistema em si; mesmo naquele momento, o escopo de seu pensamento continuava míope.

Eu me lembro quando uma vice-presidente enviou uma nota à sua organização de cerca de 350 funcionárias de suporte técnico. A sua mensagem tinha a intenção de confortar as trabalhadoras que temiam por seus empregos, quando ondas de demissões se aproximavam. Ela explicou como, na sua carreira, ela sempre fez certas coisas para se preparar caso a sua vaga de trabalho fosse eliminada — coisas como pagar suas contas do cartão de crédito, vendendo suas casas de férias, e coisas do tipo. Ela era casada e sem filhas; e havia recentemente se gabado de ter gasto milhares de dólares por uma das guitarras do Bon Jovi durante uma viagem à costa leste dos E.U.A.. A sua recomendação de que as trabalhadoras se "preparassem financeira e emocionalmente" teve o tipo de impacto que era de se esperar.

Ironicamente, após anos ajudando corporações a executar de-

Eu me lembro de uma sessão presencial que estava se prolongando; às cinco da tarde o grupo discutia se continuava até de noite ou se agendava para continuar no dia seguinte. Um vice-presidente, um pai de três, divorciado, nos seus quarenta e tantos, mencionou que ele tinha que chegar em casa para fazer o jantar dos seus filhos, com idades de sete, dez e doze anos. Genuinamente acreditando que estava ajudando, a vice-presidente sênior sugeriu: "Você não pode mandar entregar uma pizza?"

Outro fenômeno que percebi foi que quanto mais acima da hierarquia organizacional alguém está, mais e mais limitadas são as coisas que ela pode fazer causar mudanças. A limitação mais básica se refere à interação humana direta. Quando você passa de coordenar um grupo de dez pessoas para coordenar uma centena e depois mil, se torna impossível ter contato significativo com todo mundo. Você acaba fazendo "comícios" ou reuniões na prefeitura, e depende cada vez mais de e-mail para influenciar pessoas.

A única grande jogada que você pode fazer nesse nível é a clássica reorganização corporativa. Rearranjos estruturais são freqüentemente acompanhados pela eliminação de vagas, que não apenas economizam dinheiro da empresa, mas também criam caos e desviam a atenção. Um diretor de informática para quem trabalhei, quando questionado sobre uma reorganização que faria com que a estrutura voltasse a ser o que havia sido há seis anos, explicou: "É como quando você limpa um armário. Você tira tudo, e coloca quase tudo de volta, mas porque você reorganizou as coisas, você tem a chance de vê-las de forma diferente. A estrutura em particular que você usar, no fim das contas, é menos importante do que o fato de que você deu a todo mundo uma chance de ver as coisas de forma diferente."

Ironicamente, este líder era muito querido, em parte, por uma decisão que havia tomado em suas primeiras semanas. Como primeiro passo nos cortes, ele eliminou toda seção de gerência imediatamente abaixo dele. As poucas pessoas que tinham escalado até quase o topo foram todas demitidas. Ninguém lamentou por

poder, como raça e gênero, que podem ser mapeadas de diversas outras formas. A economia não pode ser compreendida separada disso — teria como surgir o capitalismo moderno sem o colonialismo que saqueou o chamado "Novo Mundo"? E sem o racismo que justificou a escravidão, ou sem o sexismo expresso nos salários menores e no trabalho doméstico não-remunerado? E isso não pode ser remediado sem mudar a economia. Quanta diferença faz ter um presidente negro quando a maioria das pessoas nas prisões são negras?

Então todas essas dinâmicas não podem ser desvinculadas nem reduzidas a uma única narrativa. Um verdadeiro modelo funcional do mundo deve ser tão imenso e complexo como o mundo em si. O importante é desenvolver ferramentas que possam nos ajudar a obter um sentido de nossas vidas e retomar o controle delas.

Testemunho I: **Finanças**

Imagine o empresário de antigamente: dono de uma loja familiar ou o proprietário de uma pequena fábrica que emprega pessoas da cidade que caminham até o trabalho. Em todos esses casos, os proprietários podem ser facilmente identificados, normalmente fazendo parte da mesma comunidade que as pessoas que trabalham para ele.

Quando você ouve que uma empresa vai "abrir o capital", parece algo tão coletivo e democrático: todo mundo pode comprar uma ação e ser parte de seu crescimento e sucesso. Mas quem é realmente responsável nessa estrutura, e que tipo de decisões ela produz? Eu refleti sobre isso durante os dez anos que trabalhei numa grande corporação. Corporações com ações na bolsa também tem proprietários, mas você precisa desencavar várias camadas para descobrir algo sobre eles. Tecnicamente, toda pessoa que possui ações é uma proprietária com direitos legais a uma fração da empresa. Mas o número total de ações numa empresa geralmente alcança as centenas de milhões; seria preciso muita pesquisa para descobrir qualquer coisa sobre todas envolvidas.

Investidores individuais visíveis são raros, embora ainda haja uma ocasional família rica ou fundação com títulos suficientes para garantir um tratamento especial. Mais freqüentemente, a propriedade das ações é dividida entre investidores institucionais: fundos de cobertura, holdings, corporações privadas, ou firmas malignas de investimento — como a Goldman Sachs — e a verdadeira *matéria escura* da economia, participantes de fundos mútuos. O último grupo inclui todo mundo com uma previdência privada. Há 50 anos, certificados de ações de uma pequena lista de empresas eram guardados nos cofres do bancos: "Encontramos um certificado de 100 ações da IBM depois que ele morreu". Hoje, inúmeras pessoas possuem, cada uma, minúsculos pedaços de centenas de empresas, e esses títulos mudam diariamente.

O efeito disso no nível das tomadas de decisão corporativas é que os executivos possuem total liberdade para invocar o mantra dos "interesses de acionistas" com pouco risco de que as acionistas reclamem. Uma vez que as acionistas mudam constantemente, focar-se no interesse delas não significa responder a indivíduos reais que podem ter algum tipo de escrúpulo. Pelo contrário, significa fazer o que for para que a empresa seja rentável e, portanto, atrativa a possíveis investidoras. Todos os "critérios suplementares" — impacto ambiental, efeitos nas trabalhadoras e até mesmo em clientes — tornam-se secundários àquilo que contribui ao valor das ações de cada acionista.

O que eu observei no nível micro foi que sempre que gerentes e executivos relutavam com decisões carregadas de emoções, eles retornavam ao interesse dos acionistas para resolver o dilema. Investidores eram uma entidade abstrata que poderia justificar tudo; mesmo que fossem pessoas reais em algum lugar do outro lado dessas ações, só podíamos visualizá-las como uma personificação da busca por lucro.

As reuniões seguiam um padrão parecido. Nós discamos o número da teleconferência e trocamos gentilezas com colegas em outras partes do país — conversas em torno do clima, esportes, compras e viagens — até que uma massa crítica de participantes tivesse comparecido à videoconferência. Tirando a eventual pessoa que fazia assistência a executivos, todo mundo na conferência recebia de 250 mil a 850 mil dólares por ano. A maioria era casada e sem crianças; as poucas crianças em idade escolar tinham o apoio de familiares que ficavam em casa ou de babás. Elas mandavam seus filhos e filhas a pré-vestibulares e se exercitavam em country clubs. Eu olhava para eles e refletia sobre como as suas decisões afetavam tantas famílias com menos recursos.

Canadá, Junho de 2010.

pansão dos subúrbios a alcançar, e ela ainda tem um grande núcleo urbano.

Esta parte urbana de New Stolp é residência principalmente da classe trabalhadora, e inclui uma grande população de imigrantes mexicanas. Os outdoors na cidade são em espanhol, e a via principal é repleta de carnicerías, lojas de bebidas, penhores e as, predadoras, casas de empréstimo. Os Latin Kings* são ativos aqui, e estudantes secundaristas têm que se sujeitar a detectores de metal todas manhãs. A polícia ronda os bairros para manter um olho nas moradoras ao invés de em possíveis intrusos, e rotineiramente expulsam mendigos da rodoviária e dos parques. No centro, os prédios antigos estão quase todos vazios. Líderes do empresariado têm clamado por "revitalização" há anos, e a gentrificação só começou recentemente na orla do rio.

Há alguns anos, eu viajante desta fenda entre dois mundos: eu vivia e trabalhava na parte urbana de New Stolp e freqüentava uma faculdade de artes particular com um campus com muita área verde em Huffmanville. A matrícula era cara, e não era o tipo de espaço que oferecia muita ajuda financeira. Mas eu estava determinada a não contrair dívidas para pagá-la — eu já sabia que a dívida te escraviza. Antes de me matricular, decidi que não faria empréstimos: só iria para a faculdade se eu pudesse pagar por ela em dinheiro.

Então por muito tempo só fiz três créditos por semestre; isso era tudo que eu podia pagar. Eu ia de ônibus até Huffmanville nos dias de aula, e trabalhava nos dias que eu não tinha. Era desmoralizante. Se tivesse continuado assim, eu só teria me formado em mais ou menos 10 anos. Mas isso era inaceitável pra mim. *Por que aquele lindo e verde campus deveria ser acessível somente para filhas de pais ricos de Huffmanville?* Eu fumegava. Se eu quisesse me formar logo teria que fazer outra coisa. Teria que criar o meu próprio apoio financeiro.

Dentro de um ano, eu tinha conseguido desviar 25 mil dólares do meu local de trabalho, uma ferragem propriedade de um empresário de Huffmanville onde eu trabalhava de caixa. Me formei

na faculdade um ano depois.

A loja era filial de uma cadeia regional com um total de doze lojas, todas baseadas ao redor da matriz em Huffmanville. Não era uma loja familiar, mas também não era o Wal-Mart. Se fosse um comércio pequeno, eu teria me sentido culpada roubando dela — as coisas são difíceis para os pequenos negócios. Se fosse uma corporação multinacional, talvez tivessem muitas medidas de segurança que me impediriam.

Mas a cadeia era propriedade de pai e filho, e ambos eram figurões da elite de empresário local. Um dos prédios da universidade até tinha o nome deles. O pai havia começado a cadeia e o filho agora era presidente. Eu sabia exatamente de quem estava roubando — eu tinha *olhado ambos nos olhos* quando eles apareceram na nossa loja para uma inspeção surpresa.

A loja onde eu trabalhava era provavelmente a mais adequada ao meu projeto. Era a única em New Stolp, na margem do bairro mais pobre da cidade. Era a que recebia menos atenção dos proprietários, uma vez que era a que rendia menos dinheiro. O salário padrão para peões como eu era de sete dólares por hora — acima do salário mínimo apenas o suficiente para comprar nossa lealdade, a gerencia deve ter pensado.

Quando comecei a trabalhar lá, me colocaram para limpar os banheiro e estocar mercadorias — esse tipo de coisa. Mas quando a gerencia viu como eu era eficiente com a caixa registradora, me tornaram caixa permanente, e me deram um considerável nível de autonomia para realizar minhas tarefas. Num ponto, eu estava praticamente tocando a frente da loja sozinha. Apreciavam o fato de eu não precisar de supervisão, e eu ficava feliz de não ter. Aprendi sozinha como arrumar o sistema de computadores; eu tomava decisões na hora e cuidava dos problemas com clientes por conta própria sem ter que chamar a gerencia.

positivo do que significa resistir e de quais podem ser as alternativas ao capitalismo. Durante levantes sociais, a noção das pessoas do que é *possível* muda muito rapidamente, mas a sua noção do que é *desejável* geralmente mudar de forma mais lenta. Isso explica porque levantes populares geralmente se acomodam com demandas que são muito menos radicais do que os formatos adotados pelos movimentos em si: é preciso muito tempo para a nossa imaginação alcançar a realidade.

Se as coisas estão tranqüilas agora onde você vive, não significa que sempre estarão. Pense com antecedência nos levantes no horizonte: quando eles chegarem, o que você gostaria de ter feito para se preparar? Como você pode maximizar a probabilidade que eles acabem bem?

Não oferecemos a única saída do capitalismo, mas acreditamos que a nossa é a mais convidativa. Não estamos propondo o feudalismo corporativo, a guerra étnica, campos de concentração, colapso ecológico, fome global ou guerra nuclear. Algumas décadas de conflitos sociais não são nada comparadas à catástrofe que virá se não tomarmos a iniciativa. Não se engane, o mundo vai mudar. Se será para melhor ou para pior, depende de nós.

Não estamos vendendo uma utopia. Nós simplesmente queremos aprender com as práticas que funcionaram para manter a nossa espécie como parte saudável de um ecossistema pelos últimos milhões de anos, com a esperança de que possamos sobreviver mais alguns milhares. Essa humilde aspiração nos coloca em conflito direto com a ordem social corrente.

lucro tem que vir de algum lugar. Depois que você suga as pessoas até as secar, a taxa de lucro cai, fazendo com que o mercado fique estagnado. Até recentemente, era possível solucionar esse recurso trazendo novos recursos e populações. Agora o capitalismo se espalhou por todo mundo, conectando todas as pessoas e fazendo com que a crise seja realmente global. Ao mesmo tempo, a produção industrial está alcançando seus limites ecológicos, enquanto o progresso tecnológico tornou grande parte da força de trabalho desnecessária, criando uma população excedente cada vez mais inquieta.

O capitalismo está na margem da crise há décadas. Estender o crédito a cada vez mais pessoas exploradas foi uma forma de manter o consumo enquanto a força de trabalho se empobrece. Investidores transferiram suas riquezas para os mercados financeiros, esperando lucrar com a especulação agora que os lucros da produção material pararam de crescer. A maior parte das inovações está focada em novos mercados *imateriais*: informação, marcas, redes sociais. Tudo isso só serviu para adiar o dia do juízo final.

A crise de 2008 não foi um acaso, mas um sinal do que está por vir. Não é simplesmente uma questão de aguardar até que as coisas retornem ao normal. A próxima fase da crise pode não atingir os E.U.A. por décadas, mas está a caminho. A economia capitalista já quase não consegue oferecer empregos decentes às pessoas, sem falar em vidas significativas; mesmo avaliado através de seu próprio critério materialista, ele não está funcionando.

Igualmente, não é coincidência que você esteja lendo este livro agora. À medida que a economia é a manifestação concreta dos valores e hierarquias de nossa sociedade, uma crise financeira anuncia uma crise de fé no próprio sistema. Uma nova onda de agitação certamente acontecerá.

Em períodos de turbulência, as pessoas reavaliam as suas certezas e valores. É claro, não podemos nos certificar dos resultados; mesmo se o capitalismo colapsar, o que vier depois pode *até ser pior*. Neste momento é extremamente importante criar exemplos

Felizmente, eles nunca imaginaram que essa habilidade em resolver problemas poderia ser utilizada para outros fins.

A essa altura, eu já tinha tido tempo para desenvolver minhas opiniões políticas; e considerava meus interesses fundamentalmente opostos aos dos proprietários. Eu queria causar o máximo de prejuízo a eles que conseguisse sem ser pega, mesmo de formas que não me beneficiassem.

Uma das formas que eu fazia isso era cobrando menos dos clientes. Como eu disse, eu era bom no meu trabalho — e como todo mundo que já trabalhou de caixa sabe, tudo que isso significa é que eu era boa em fazer a fila andar *rápido*. Às vezes minhas mãos moviam os itens do balcão para as sacolas tão rápido que metade deles nem passava no leitor de código de barras, e clientes recebiam um desconto inesperado. Outras vezes algum código não lia, então eu apenas inventava um preço baixo para aquele produto ou só o largava na sacola e dava de ombros. Aquela lixadeira de fita está aparecendo no computador como inválida? Apenas a registre como dois dólares sob "diversos" e tá pronto!

Alguns itens da loja — como porcas e parafusos — não tinham código de barra, então nós confiávamos nas clientes para escrever o preço no saquinho. Isso era ridículo, principalmente porque a placa pedia para fazerem isso estava apenas em inglês enquanto a maioria da clientela tinha espanhol como primeira língua. Se as clientes escreviam o preço, eu tinha que cobrar o que estava escrito, mas quando não escreviam, eu podia cobrar o que queria. A maioria das clientes ficava feliz com os novos preços.

Sempre foi importante pra mim manter a *aparência* de estar fazendo meu trabalho corretamente. Eu sempre cuidava se haviam outras pessoas na fila. Por que algumas pessoas sentem que devem proteger os interesses dos proprietários às custas delas mesmas, das empregadas e de todo mundo está além da minha com-

preensão, mas algumas o fazem.

Minhas colegas de trabalho logo se deram conta de que eu fingia que não via quase tudo que passava pela porta da frente. Igualmente, quando eu percebia clientes que pareciam estar querendo roubar mercadoria, eu me afastava do caixa e fingia estar ocupada fazendo outra coisa para que pudessem se esgueirar sem que eu percebesse. Eu também pegava o que precisava — tinta, ferramentas, lâmpadas, etc. — mas eu não os vendia. Para pegar o dinheiro, eu usava outras táticas.

No programa de computador primitivo que os caixas utilizavam, só era preciso apertar uma tecla para transformar uma venda numa devolução de dinheiro. Todos os sinais nos preços instantaneamente mudavam de positivo pra negativo, significando que o computador esperava que o dinheiro fosse retirado da gaveta ao invés de adicionado.

Se a operadora de caixa quisesse que a quantidade de dinheiro no caixa fosse a mesma que no relatório de vendas no fim do dia, ela teria que retirar aquela quantidade de dinheiro da gaveta e enfiá-lo num bolso.

Uma idéia simples, mas difícil de executar repetidamente sem ser pega. Como consegui desviar vinte e cinco mil dessa forma? A resposta está no princípio da sustentabilidade: saber quando parar. Outras operadoras de caixa também roubaram dinheiro dessa forma não fui a primeira a pensar nisso — mas foram muito gananciosas, ou muito óbvias ou muito impacientes. Algumas esvaziavam metada da gaveta num turno e foram presas. Eu consegui libertar cem dólares por mês enquanto mantinha a aparência de trabalhadora cuidadosa e sem levantar suspeitas.

Neste período, a loja foi roubada. Os ladrões foram espertos: roubaram a loja na hora de fechar no dia mais movimentado da época de Natal, quando o cofre estava mais cheio de dinheiro. Eu não estava lá naquela noite, e os proprietários não revelaram quanto foi roubado, mas não podia ser mais de cinco ou seis mil dólares. Eu ainda sorrio por saber que me safei com um saque

O capitalismo se encaminha para uma catástrofe.

Por mais estáveis que as coisas pareçam em algumas partes do mundo, estamos entrando numa nova era de crises e incertezas.

O capitalismo nunca foi tão dominante como é hoje. A geração anterior vivenciou a *alienação*, sofrendo uma desconexão entre seus papéis na produção e o seu senso de identidade; a geração atual é caracterizada por se *identificar* com papéis econômicos que estão difusos por todas esferas da vida. Ainda assim, no momento de seu triunfo, o capitalismo está mais precário do que nunca.

Todos os tratados de paz do século 20 expiraram. Os salários maiores que Henry Ford oferecia a quem trabalhava pra ele sumiram assim como os empregos em si; os sindicatos foram vencidos pela globalização; as nações socialistas do Oriente migraram para o capitalismo de livre mercado enquanto as sociais-democracias do Ocidente estão sendo desmanteladas. Mas esses acordos não eram apenas formas de evitar confrontos — serviam para perpetuar o capitalismo. O aumento dos salários realizado por Ford permitiu que a classe trabalhadora comprasse produtos e fez com que o golpe de pirâmide continuasse crescendo; os sindicatos impediam os capitalistas de empobrecer a sua base de consumidores. Agora que os capitalistas abandonaram seus antigos meios de cooptação e *autoperpetuação*, o futuro está em disputa. As velhas alternativas foram desacreditadas, mas novas idéias revolucionárias ainda precisam vir à tona.

O capitalismo baseia-se no acúmulo infinito de lucro, mas esse

E.U.A., fevereiro de 2011.

muito maior que esses assaltantes. É verdade, levou mais tempo — mas não precisei assustar nem correr o risco de ferir alguém.

Me senti mal pela subgerente que teve uma arma apontada pra sua cara. Até onde sei, os proprietários nunca conversaram com ela por ter tido sua vida ameaçada por causa do dinheiro deles. Inclusive, ela teve que trabalhar no dia seguinte.

Até onde sei, a gerencia nunca descobriu o que aprontei. Qualquer pessoa familiarizada com as dinâmicas dos locais de trabalho sabe que até mesmo as provas mais circunstanciais são suficiente para demitir uma funcionária. Se tivessem suspeitado de algo, teriam feito *algo* a respeito. Na verdade, eles provavelmente presumiam que eu cometi algum pequeno roubo — tente encontra uma empregada que não o faça, especialmente em locais como New Stolp — mas não tinham idéia da escala.

É irônico que quando parei de trabalhar na loja foi porque eu tinha alcançado meu objetivo: eu finalmente era estudante em tempo integral, graças ao dinheiro que roubei.

Mas o mais irônico é que agora me arrependo do que fiz — não de roubar o dinheiro, mas de tê-lo gasto com mensalidades da faculdade. Eu sonho com todas as outras coisas que poderia ter feito com 25 mil dólares além de trocá-los por um diploma que agora considero quase inútil. Eu poderia ter comprado uma casa e iniciado um coletivo; poderia ter aberto um centro comunitário com uma biblioteca; eu poderia ter dado o dinheiro para uma clínica de saúde gratuita que passava por dificuldade. Eu deveria ter feito algo com ele que para me conectar com outras pessoas ao invés de tentar progredir sozinha.

Hoje, ainda estou no mercado de emprego. As pessoas em New Stolp ainda estão fazendo jardinagem e faxinas para as pessoas de Huffmanville. Eu posso ter roubado do meu empregador; mas foi a tesouraria da universidade quem riu por último.

Economistas nos prometeram crescimento infinito. Todo mundo teria a sua propriedade, seus investimentos — todo mundo seria capitalista. Nós pegamos empréstimos para obter diplomas para conseguir empregos que não existem, fizemos financiamentos que não podemos pagar, acumulamos contas de cartão de crédito, fingindo que nós, também, somos de classe média.

Agora está claro que não tem espaço para nós no topo. O capitalismo é um esquema de pirâmide que não tem mais para onde se expandir. As pessoas estão se rebelando na Grécia, em greve no Quebec, derrubando governos no norte da África. A revolta está se espalhando pelo globo à medida que os efeitos da recessão se aprofundam. Esta onde de levantes vai chegar por último nos E.U.A., mas está a caminho. A ordem dominante vai continuar parecendo intocável até o dia em que entrar em colapso.

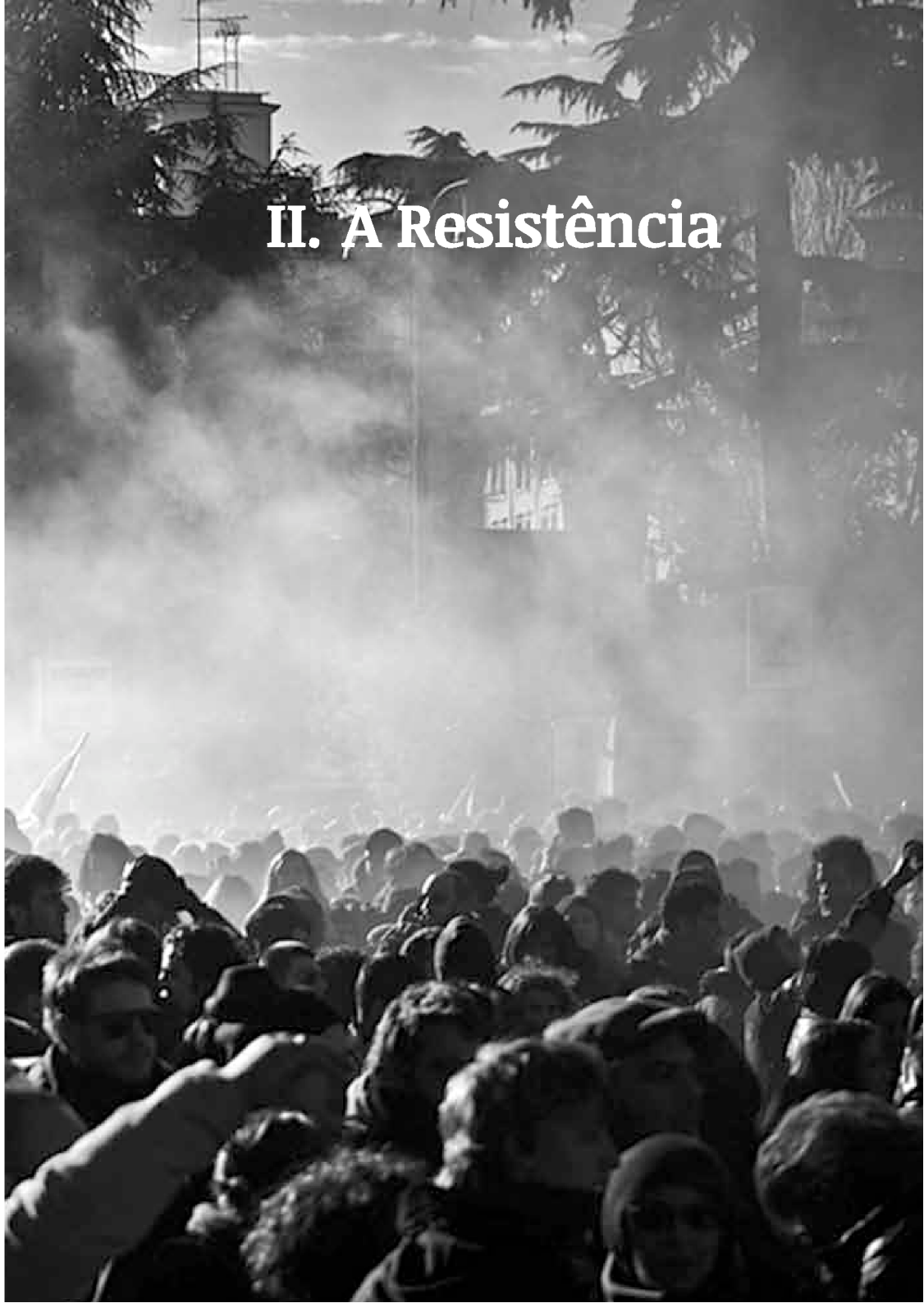
Itália, dezembro de 2010.

Dinamarca, outubro de 2006.

vida assim. Mas podemos começar.

Abolir a propriedade privada certamente tem seus desafios e desvantagens, mas dificilmente serão piores que os efeitos do capitalismo global. Todo mundo já ouviu falar do fracasso da idéia de que podemos confiar nas pessoas para cuidar dos recursos pelos quais todas são igualmente responsáveis. Existe uma verdade nisso: o verdadeiro fracasso foi que esses recursos foram privatizados, que as pessoas falharam ao protegê-los contra quem se apropriou deles. Se quisermos nos livrar do capitalismo, devemos aprender a nos defender de quem quer nos impor *a tragédia da propriedade privada*.

Tanto do mundo foi tirado de nós que ficaríamos desorientadas se de repente compartilhássemos tudo novamente. Nós podemos ter uma idéia de como isso poderia ser olhando para os recentes levantes onde as pessoas criaram zonas autônomas fora do capitalismo: Oaxaca em 2006, Atenas em 2008, Cairo em 2011 e Rojava em 2012. A alegria de tomar e dar novos propósitos a espaços, de agir espontaneamente em massa, tem pouco a ver com a vida cotidiana na sociedade capitalista. Desmantelar o capitalismo não significa apenas compartilhar bens materiais, mas redescobrir a nós mesmo e umas às outras — abraçando uma forma completamente diferente de se estar o mundo.



II. A Resistência

E.U.A., neste momento.

Não precisamos viver assim.

Algumas convenções sociais, como propriedade privada, criam desequilíbrios de poder e no acesso a recursos. Outras não. Existem formas de suprir nossas necessidades sem a compra e venda. Existem formas de se relacionar sem tentar lucrar às custas das outras pessoas.

É difícil de acreditar nisso agora que o capitalismo colonizou quase todos aspectos de nossas vidas. Mas ainda existem inúmeros exemplos de outras formas de se fazer as coisas. Em relação à produção, pense em mutirões de construção, nos quais as comunidades se unem por um dia para construir estruturas que de outra forma levariam meses, ou software de código aberto, onde os programas são criados e melhorados cooperativamente por todas pessoas que os utilizam. Em relação à distribuição, pense nas bibliotecas, que podem estocar muito mais que livros, ou no compartilhamento de arquivos, onde quem precisa de um arquivo auto-organiza a sua circulação. Em relação aos relacionamentos, pense em laços saudáveis de amizades e família, onde todas pessoas estão interessadas no bem-estar das outras, ou em festas e festivais nos quais até mesmo pessoas estranhas apreciam a participação uma da outra.

Nenhum desses modelos promove o egoísmo nem desencoraja o esforço. Todos eles corróem a noção de escassez: quanto mais pessoas participam, mais todo mundo se beneficia. Devem existir formas e expandir esses formatos a outras esferas da vida.

É claro, a idéia de reorganizar toda nossa sociedade é intimidadora. De onde estamos, não podemos visualizar como seria uma

como se fossem *reais*.

Procure por vulnerabilidades e falhas geológicas nas atuais configurações do poder. Hoje, o poder é distribuído de forma desigual, mas também é distribuído em diferentes moedas — dinheiro, atenção, influência social — que não são perfeitamente intercambiáveis e não se comportam de acordo com as mesmas leis. Nos conflitos por vir, algumas das falhas geológicas — provavelmente se abrirão em volta das tensões entre essas diferentes moedas.

Medidas paliativas não vão nos salvar.

O que poderia acabar com a tirania do mercado? Não existem respostas fáceis, mas estamos convencidas de que essa é a questão mais importante. Medidas paliativas são sedutoras pois parecem mais factíveis que mudanças estruturais; na verdade, seria mais fácil derrubar o capitalismo completamente do que modificar os seus efeitos deixando as causas intactas.. Pra começar, podemos identificar algumas abordagens que não funcionam, e então avançar para hipóteses que podem funcionar.

A caridade não solucionará os problemas criados pelo capitalismo; nem o trabalho voluntário ou campanhas que abordam um único assunto. Podemos passar nossas vidas inteiras tratando os sintomas um a um sem fazer qualquer progresso rumo à cura.

Pintar o capitalismo de "verde" não o tornará sustentável. Tampouco limitar o nosso consumo. Quando a economia recompensa comportamentos destrutivos, aceitar limitações voluntárias significa apenas ceder poder à competidores menos escrupulosos. Da mesma forma, enquanto esses incentivos persistirem, somente o governo mais autocrático poderia evitar que as pessoas os perseguissem. O colapso ecológico ou o fascismo ecológico — deve haver outra opção.

Os sindicatos não nos salvarão do capitalismo. Quando as corporações podem deslocar vagas de emprego pelo planeta ao seu bel-prazer, deixa de ser efetivo resistir num local de trabalho de cada vez, ou até mesmo num país de cada vez. Mesmo que pudéssemos proteger os direitos de trabalhadoras numa indústria em particular, isso apenas daria a elas a vantagem de se defender contra outras pessoas exploradas e excluídas; precisamos de estruturas para destruir a pirâmide em si, e não proteger os interes-

ses de grupos específicos dentro dela.

Novas tecnologias não deixarão o capitalismo obsoleto. O compartilhamento de arquivos, o software livre e as redes sociais não modificam as desigualdades materiais na sua base. Enquanto a economia dominar nossas vidas, formas mais participativas apenas nos integrarão a ela de forma mais ininterrupta.

Não existe modo de escapar do capitalismo individualmente; não existe um lado de fora para onde ir. O crime pode oferecer uma vantagem às pessoas exploradas e excluídas, mas ele não nos leva além da lógica do sistema; hackers e golpistas competentes geralmente acabam trabalhando para empresas de segurança ou para o FBI.

Enquanto não confrontarem o capitalismo em si, movimentos de libertação de categorias específicas não darão um fim à injustiça e à desigualdade. Ser explorada por pessoas como você mesma dificilmente pode ser considerado um avanço em relação a ser explorada por pessoas diferentes de você. Mesmo que todo mundo pudesse ter oportunidades iguais dentro do capitalismo — mesmo que a dominação e a exploração pudessem ser distribuídas sem distinção de raça, gênero ou qualquer outro eixo de opressão —o capitalismo em si ainda seria opressivo.

Reformar governos não irá curar o capitalismo. Isso pode temporariamente mitigar seus efeitos, mas a classe que detém os recursos materiais sempre terá vantagem quando se trata de usar as estruturas do estado. Mesmo que anticapitalistas tomassem o poder e estabelecessem um governo novo em folha, o máximo que poderiam fazer seria controlar o capital elas mesmas, transformando-se numa nova classe de capitalistas. Comunistas já fizeram isso no século 20 com resultados catastróficos. Na melhor das hipóteses, as soluções governamentais podem dedicar-se ao ideal de que todo mundo compartilhe o controle do capital através do aparato de coerção do estado; mas mesmo que isso fosse possível, seria apenas uma nova espécie de inferno: um sistema autoritário sem autoridades.

Espalhe narrativas que legitimam a revolta.

Todo mundo quer que as coisas sejam diferentes, mas ninguém tem certeza do que fazer. Mesmo quem se decidiu a travar uma guerra aberta não tem certeza por onde começar ou se outras pessoas se juntarão a elas.

É por isso que é tão importante quando acontece algo que dá às pessoas um ponto de encontro comum. Quando Alexis Grigoropoulos foi assassinado por policiais em dezembro de 2008, toda Grécia se levantou em revolta. Em novembro de 2010, dezenas de milhares de pessoas protestaram contra uma nova lei que aumentaria as taxas escolares no Reino Unido. Em ambos os casos, radicais finalmente tiveram uma narrativa que a população em geral achou convincente, ignorando divisões culturais e políticas, legitimando formas de resistência das quais muitas pessoas nunca tinham imaginado participar.

Geralmente, esses pontos de encontro são reativos, respondendo a alguma nova injustiça que excede o nível de abuso que as pessoas vieram a aceitar. Pode ser fácil para as pessoas concordarem que se opõem a esses novos ultrajes, mas é difícil para elas imaginar uma alternativa positiva. A própria legitimidade é socialmente construída de forma a estar fora do alcance de quem pode vir a resistir; por exemplos, as pessoas excluídas não podem reivindicar um "território legítimo" no qual defender os seus direitos. Você pode se opor a essas limitações propagando narrativas que vão além da má conduta da polícia ou de leis injustas, oferecendo críticas fundamentais e visões mais transformadoras. Faça com que seja um hábito *agir* baseado nessas narrativas: as idéias não têm força até que as pessoas vejam outras se comportando

Reino Unido, novembro de 2010.

A autogestão e a "democracia direta" não bastarão para nos levar além do capitalismo. Mesmo sem patrões ou governantes, as instituições capitalistas continuarão produzindo os mesmos efeitos se continuarmos as utilizando para seu propósito original — da mesma forma que o aparato estatal continua a *governar* mesmo sem monarcas. Se tomarmos nossos locais de trabalho, mas continuarmos *trabalhando* neles, nós ainda teremos que usar a economia para suprir nossas necessidades, continuaremos sofrendo da mesma desconexão em relação a nós mesmas e ao mundo ao nosso redor.

Mesmo no meio da catástrofe, não há garantia de que o capitalismo irá cair sozinho. Por mais de um século e meio, marxistas prometeram que o capitalismo entraria em colapso quando as "condições materiais" tivessem amadurecido o bastante; mas cada crise tem deixado o capitalismo mais estável que nunca. Da próxima vez que ele estiver a perigo, temos que aproveitar a oportunidade para interpor um novo modo de se viver.

Não existe alternativa — se quisermos mudanças fundamentais, temos que abolir a propriedade privada de capital. Isso não é apenas uma transformação econômica e política, mas também social e cultural. Ela não pode ser imposta de cima pra baixo, mas deve ser implementada por uma massa crítica capaz de defender a si mesma.

Não temos como saber se o capitalismo cairá em nosso tempo de vida, mas cairá. Enquanto isso, podemos inculcar o anticapitalismo na imaginação popular como oposição à ordem vigente, para que as pessoas não recorram a programas reformistas ou reacionários. Também podemos abalar a fé no sistema capitalista, mostrando que ele não é nem a melhor forma de estruturarmos nossas vidas, nem a única possível, não é nem mesmo estável ou confiável. O capitalismo é um feitiço: ele pode ser quebrado.

Egito, fevereiro de 2011.

NÃO DEIXE QUE EXTRAIAM TODA A VIDA DE VOCÊ

seguir garantir um emprego com alto salário para levantar fundos para projetos, por exemplo, você pode, eventualmente, perder o contato com outras pessoas em posições menos privilegiadas — ou simplesmente perder fé de que elas saibam como "fazer as coisas".

Lutar ao lado de outras pessoas levará o seus interesses em consideração, mas não encare a resistência como um tipo de trabalho voluntário que você pode executar em nome delas. Esqueça a idéia de tentar se identificar com "a classe mais revolucionária" ou encontrar alguém em situação pior que a sua com quem se "aliar". Se você não sentir as lutas das outras pessoas *como a sua própria luta*, você provavelmente será uma aliada errática. A melhor ajuda que você pode dar a qualquer pessoa é ameaçar a estrutura de poder, mostrando que todo mundo irá ganhar se lutar por si mesmo.

Não que você deva aceitar seus privilégios sem questioná-los; pelo contrário, rejeitar o seu papel significar rejeitar eles também. Por exemplo, manifestantes brancos não estão *realmente* interrompendo o funcionamento do capitalismo até que forcem a polícia a tratá-los da mesma forma que trata delinqüentes negros. Mas você será mais eficaz ao permitir que outras pessoas como você se revoltem, não agindo como soldado na guerra de outra pessoa. Seja o que for que motive você, assegure-se de que isso aconteça a todas as pessoas como você.

O importante nisso tudo não é apenas ter uma pequena vingança ou ganhar vantagens na economia que você não teria de outra forma, mas, acima de tudo, fazer conexões, ampliar os seus laços e aprimorar as suas habilidades. Comece com algumas amigas, pessoas em quem confia. Se acostume a fazer planos e executá-los, a reagir a coisas que te deixam raiva ou triste, a desobedecer. À medida que encontra outras pessoas fazendo o mesmo, você construirá redes que podem partir para a ação juntas.

Assim que as pessoas vêem que *outra coisa* é possível, elas se pegam tomando decisões em um contexto diferente. Entre os levantes, podemos dar o exemplo de como é resistir; quando as coisas esquentarem, isso se espalhará.

Sempre atualize suas estratégias e táticas.

Resumindo: desde o começo da revolução industrial, as pessoas iniciaram uma resistência baseada em seus papéis comuns na produção, organizando sindicatos em seus locais de trabalho e forjando relações subversivas em seus bairros. Depois dos acordos trabalhistas do início do século 20, as linhas de frente da resistência foram transferida ao terreno do consumo, quando a alienação da uma sociedade produzida em massa de espaço à inquietação em massa. À medida que os mercados de consumidores se diversificaram, eles se tornaram cada vez mais específicos.

Hoje estamos fragmentadas espacialmente, socialmente e culturalmente, mas ao mesmo tempo estamos mais interconectadas do que nunca. Sejam quais foram as vantagens dos antigos formatos de luta, elas atingiram seus limites; ainda podem ser úteis, mas dificilmente irão produzir algo de novo. Não devemos avaliar os novos formatos de acordo com os critérios usados para avaliar os antigos, mas sim de acordo com quão efetivos eles são para aproveitar novas oportunidades.

Por exemplo, no fim do século 20, um movimento internacional surgiu nos protestos contra as reuniões de cúpula de organizações de comércio como o Fundo Monetário Internacional (FMI). Chamado de "movimento antiglobalização" por especialistas que abominam a idéia de dizer *anticapitalismo*, esse movimento tentou bloquear uma nova onde de desregulamentação capitalista. Algumas anticapitalistas afirmaram que ficar seguindo as reuniões de cúpula pelo mundo não ajudou a construir lutas locais de longo prazo; isso era verdade, mas numa era de cosmopolitismo e

efemeridade, as mobilizações internacionais tiraram vantagem do que as pessoas já estavam fazendo, enquanto a organização local teria que lutar contra a corrente. Na medida em que inibiram as corporações de impor condições ainda piores à classe trabalhadora, os protestos nas reuniões de cúpula tiveram um papel que o sindicatos não conseguiam mais cumprir sozinhos.

O mesmo vale para a crítica de que ao basear-se em subculturas a resistência ficaria confinada a grupos sociais limitados. De novo, obviamente isso é verdade, mas isso não leva em conta o porquê desses esforços terem sido tão efetivos recentemente comparados a outras formas de organização. Sindicatos explicitamente anticapitalistas ainda podem desempenhar um papel importante na resistência, mas se as pessoas chegaram a eles através de canais subculturais tanto quanto através da organização nos locais de trabalho, teremos que analisar isso e traçar estratégias de acordo. O importante não é reconquistar a força das velhas táticas, mas transcender as limitações das novas.

Nos E.U.A., parece que a produção e o consumo não criam mais grandes corpos sociais capazes de conceber seus interesses fora do capitalismo. Pelo contrário, ambos foram estruturados de forma a não formar nenhum corpo social coerente. Isso não é necessariamente ruim: se queremos abolir o capitalismo, pode ser melhor não nos enxergarmos de acordo com os papéis que temos nele. Mas de que outra as pessoas poderiam se unir para resistir?

Parece provável que a nova fase de luta se dará no terreno da *informação*. Assim como o sistema da fábricas produziu em massa toda uma estrutura social junto com os bens materiais, as novas formações sociais são moldadas pela forma com que no comunicamos. Agora que a maior parte da raça humana é estranha à produção, a principal coisa que nos une à ordem social vigente é a forma em que ela estrutura nossas interações e nossas noções do que é possível. A nova mídia participativa serve para manter uma população redundante ocupada, competindo por *atenção* dentro da estrutura capitalista, um processo que sutilmente dita o que

não precisa ter um *emprego* operando os meios de produção para ter o direito de se apropriar deles, não mais do que precisa viver num shopping center para ter o direito de saqueá-lo. Quanto mais gente for forçada para as margens, mais central se torna o papel das pessoas marginalizadas na resistência.

Como dizem no basquete, *jogue na sua posição*. Redirecione recursos e informação para pessoas que possam utilizá-los de forma mais eficaz que você. Quando "levam a sério" a luta contra o capitalismo, as pessoas às vezes têm a tendência de se remover da sua posição nele — largando o emprego, saindo da escola, deixando de participar nos processos ao invés de *interrompê-los*. Isso é muito útil ao capitalismo — uma das funções da população excedente é conter todas as pessoas que causariam problemas se pudessem. É melhor partir para a ofensiva. Não peça demissão — espere até que o patrão esteja mais vulnerável e entre em greve, convidando todo mundo para se juntar. Não abandone a escola e parta numa campanha de ativismo — organize boicotes e aulas autônomas, organize um grupo de estudante que possa direcionar os recursos para fora da universidade, tente fazer uma ocupação. Quando te demitirem ou expulsarem, você poderá continuar a sua vida.

Não existe vantagem moral no capitalismo: não é mais ético estar mais abaixo da pirâmide. É provável que tentar acalmar a sua consciência não faça bem a mais ninguém. Da mesma forma, deixe outras pessoas interpretarem seus papéis — não desperdice energia julgando-as. Até mesmo advogadas e professoras podem ter um papel importante se puderem ir além de si mesmas. Não lucramos nada com distinções moralistas; o importante não é estar com a *razão*, mas ser um *perigo*. Quando nos dividimos em facções rivais, nós poupamos os capitalistas do trabalho de nos dividir e distrair.

Toda posição na pirâmide exige abrir mão de alguma coisa — escolha com cuidado. Onde você está irá determinar o que você vivência e com quem você se identifica, inevitavelmente moldando os seus interesses. Como você adquire os recursos irá estruturar os seus valores e a sua concepção da natureza humana. Se você con-

Seattle, maio de 2012.

podemos imaginar.

Lutar no terreno da informação não significa derrubar websites, como fez o grupo descentralizado Anonymous em retaliação ao ataque ao Wikileaks. Este terreno se estende além da internet e dos smartphones, para todas outras estruturas através das quais as pessoas constroem conjuntamente a sua concepção da realidade. As linguagens e estruturas através das quais a nossa espécie atribui significado estão agora ameaçadas: temos que criar novas conexões entre as pessoas, novas redes através das quais a informação possa fluir e as pessoas possam responder ao mundo ao seu redor. Quanto mais esses movimentos se estenderem offline, mais provável serão de permanecer em nosso controle.

Isso pode parecer lutar na defensiva: o capitalismo já conquistou o planeta inteiro e agora estamos resistindo em nosso último reduto, nossos próprios espaços mentais e relações sociais. Mas em toda luta, o sistema capitalista é questionado em sua integridade. Isso é especialmente verdade agora que novas formas de

auto-organização podem espalhar-se de forma quase instantânea. Neste contexto, fagulhas de resistência podem transcender os limites do ativismo e da subcultura para catalisar revoltas concretas.

Quando estávamos fechando este livro, rebeliões surgiram por toda Tunísia, Egito e outras partes do Oriente Médio. Uma nova geração, empobrecida e deslocada, mas ainda assim conectada pelas nova tecnologias, iniciou uma onda de revoltas sem líderes. Elas começaram nas margens, mas tão logo ficou claro que tinham alguma chance de sucesso, o resto da população rapidamente se somou. Em resposta, o governo egípcio cortou a internet e a telefonia celular, mas isso só enraiveceu ainda mais a população. Esse levante ainda precisa assumir uma forma anticapitalista, mas ele oferece um lampejo do que uma revolução anticapitalista pode envolver; mais especificamente, ele ressalta a importância que as tecnologias de comunicação e redes sociais terção nos grandes levantes por vir.

No futuro, provavelmente veremos governos tentando moldar a arquitetura da comunicação, de forma que não seja necessário cortar a internet. Corporações como Google irão sutilmente redirecionar a atenção, promovendo certas formas de protesto e suprimindo outras. A medida que conseguirmos manter canais abertos para a livre comunicação determinará as perspectivas de libertação.

Lute onde você se encontra.

Seja qual for a sua posição na pirâmide — quer você seja estudante secundarista, trabalhadora temporária, assistente de palco sindicalizada, advogada, sem-teto e desempregada — você pode lutar onde você se encontra. Provavelmente será melhor confrontar as afrontas que você sofre pessoalmente no terreno que você conhece melhor.

Dado que nossas vida estão colonizadas, temos que assumir os papéis que são forçados sobre nós como nosso primeiro ponto de partida para a resistência. É fácil confinar a resistência ao nosso tempo livre, fazer com que ela seja uma atividade *extra* — uma reunião encaixada no fim de um dia de trabalho, um adesivo no seu carro. Isso se correlaciona com uma tendência de lutar por causas fora de nossas vidas cotidianas. A vantagem do modelo sindical é que ele toma o regime diário imposto às trabalhadoras e o transforma num local de organização e confronto. Se um sindicato convencional não é apropriado no seu contexto, você pode precisar experimentar outros formatos: uma rede de autodefesa, um círculo de ladras, uma sociedade secreta pela consciência revolucionária.

O capitalismo não é apenas o que acontece no trabalho. Nós também podemos resistir no resto de nossas vidas diárias — defendendo nossos bairros contra a gentrificação, ocupando casas desocupadas, pegando o máximo de empréstimos e declarando falência. Formas coletivas de resistência podem ser mais difíceis no consumo que na produção, mas são possíveis: tomar espaços e usá-los para eventos públicos, ir a um evento caro em massa e forçar a sua entrada sem pagar, ir até o supermercado e fazer a mesma coisa na saída. Quanto mais a nossa vida depender de resistência ao invés de submissão, mais forte será a nossa luta.

Ser excluída também é um papel que pode ser recusado. Você

Crimidéia não é uma teoria, mas um tipo de atividade: a prática de subverter e escapar de amarras, sem a qual a liberdade é impossível.

CrimethInc. É uma sociedade secreta devotada a esta atividade — uma entre muitas. Há muito tempo nós embarcamos no projeto de transformar completamente nossas vidas. Em todo momento no qual você busca transformação, você é uma de nós.

Encontre formas de luta que se espalhem.

Como uma forma de resistência se espalha ou contribui para outras formas de resistência? Isso irá determinar o quão eficaz ela poderá ser. O aspecto mais decisivo de cada ato de oposição é a sua relação com outros atos do tipo.

Quem luta contra as amarras do capitalismo deve vir a se identificar com todas outras pessoas que lutam. Se não o fizerem, mesmo que sejam eficazes, capitalistas os neutralizarão satisfazendo as suas demandas às custas de outras pessoas; na melhor das hipóteses, eles podem simplesmente substituir a classe dominante sem transformar o sistema em si.

Não dá pra medir a força de uma revolta da mesma forma que se mede a força de um batalhão da polícia. A força da insurreição é social, não militar: a questão é o quão contagiosa ela é, o quanto ela se estende à população em geral, o quanto ela transforma as relações. Levantes populares podem triunfar sobre exércitos muito mais bem equipados se mantiverem seu caráter popular. Entretanto, depois que os lados se tornam fixos e o escopo do levante é determinado, torna-se seguro de novo para governantes se utilizarem da força bruta.

Portanto, não deixe seus inimigos te isolarem de outras como você, não fique isolada em nichos subculturais, não deixe radicais imporem sobre você pontos de referência obscuros que apenas farão que seja mais difícil se comunicar com a sociedade em geral. Não são os movimentos em si que fazem mudanças sociais, mas *exemplos contagiosos de transformação*. Isso significa que as pessoas que estão realmente no meio da transformação têm mais a

Nova Iorque, dezembro de 2011.

Leitura Recomendada

David Graeber, Dívida: Os Primeiros 5000 Anos

Comitê Invisível, A Insurreição Que Vem

Derrick Jensen, Endgame

prole.info, Abolish Restaurants

Howard Zinn, A People's History of the United States

Nós também direcionamos as pessoas à versão integral deste livro, junto com outros livros que publicamos, incluindo *Espere Resistência*; *Receitas Para o Desaste: Um Livro de Receitas Anarquista*; e *Dias de Guerra, Noites de Amor*. Além disso, nossa cartilha *Fighting for Our Lives* oferece uma boa introdução às idéias anarquistas. Tudo isso, e muito mais, está disponivel em crimethinc.com e em português em **crimepensar.noblogs.org**.

instituições, mas também identificar as funções a que servem, ou corremos o risco de assumirmos nós mesmas essas funções. Sem o capital ou a polícia, novas moedas podem surgir para impor opressão e alienação.

Não existe razão para acreditar que a derrocada do capitalismo irá automaticamente trazer um mundo livre. Isso depende de nós.

oferecer ao projeto de revolução que as defensoras da revolução que não mudaram em trinta anos. As primeiras podem ainda não ter pensado em todas suas políticas e táticas, mas a sua inconsistência e estranheza são contrabalanceadas pela flexibilidade, ímpeto e otimismo, sem mencionar as relações que elas têm com pessoas que ainda não tomaram lado. Depois que suas identidades como radicais se cristalizaram, os papéis que elas desempenham nos levantes sociais serão cada vez menos dinâmicos. Elas ainda podem lutar, claro, talvez com experiência acumulada, mas somente de uma posição fixa.

Grécia, dezembro de 2008.

A mudança deve atingir as raízes.

Quando uma estrutura de poder colapsa, os fragmentos das velhas hierarquias que remanesceram podem se regenerar. Por exemplo, imediatamente após o furacão Katrina atingir Nova Orleans, uma mistura de policiais de folga e justiceiros patrulhavam as ruas; se uma das tarefas da polícia é controlar os movimentos de pessoas negras e pardas, os justiceiros podem conservar esta função mesmo quando todo aparato legal pára de funcionar.

Junto com toda instituição, moeda ou forma de hierarquia, existem valores e práticas sutis que permitem que ela funcione. Assim como nada pode servir de capital sem a convenção de propriedade privada, as delegacias de polícia seriam impossíveis sem as convenções da *autoridade* e do *dever*. Isso não são apenas abstrações, mas relacionamentos dos quais as pessoas participam durante todas suas vidas — é por isso que as pessoas sentem que são *reais*, embora sejam construções sociais. A polícia define um modelo do que significa deter o poder: crianças crescem brincando com bonecos de ação, pessoas adultas *policiam* umas às outras em milhares de maneiras. Isso molda a nossa imaginação de forma que mesmo quando queremos nos libertar nós freqüentemente assumimos papéis opressivos familiares.

Assim como indivíduos podem ser intercambiáveis dentro das instituições, as instituições podem ser intercambiáveis em realizar certas *funções*. Além do policiamento, podemos identificar muitas outras funções, não tão descaradamente opressivas, mas não menos centrais ao funcionamento do capitalismo. Se queremos transformar nossa sociedade, não devemos somente derrubar as

México, novembro de 2006.

Encontre formas de luta que criem acesso a recursos fora do capitalismo.

Quando se trata de avaliar uma tática ou estratégia, uma das questões mais importantes é se ela garante mais oportunidades e recursos. Às vezes pode valer a pena aceitar uma perda para alcançar um objetivo em particular, mas se isso se estender muito pode ser difícil se recuperar. Muitos projetos acabam afundando pois não conseguem recuperar os recursos que foram investidos neles: você não pode levar adiante indefinidamente uma luta cansativa sem tirar os para ela de algum lugar.

Mas se um modo de luta garante recursos, é igualmente importante se perguntar *como* ele os disponibiliza, como eles irão circular. Se não quisermos reproduzir relações capitalistas de propriedade, temos que prover para as necessidades materiais de formas que criem outras relações com os bens. A resistência só é *anticapitalista* na medida em que ela estabelece imediatamente essas relações. Se os recursos dos quais nos apropriamos ainda funcionam dentro da lógica da propriedade privada, nós podemos esperar que as mesmas dinâmicas que vemos dentro da economia capitalista surjam dentro de nossos próprios círculos.

Por outro lado, ao construir novas infraestruturas, podemos demonstrar outra forma de se viver, dando às pessoas razão para se dedicarem à lutar por ela. É desafiador fazer isso quando há tanta pressão para privatizar tudo, mas nas vezes em que o controle capitalista deixa de funcionar, se torna muito mais fácil. Devemos estar prontas para agarrar toda oportunidade de estabelecer formas de riqueza que possam ser coletivizadas.

A pirataria foi tão eficaz há quatro séculos pois na segurança relativa do alto-mar, era fácil o suficiente para os marinheiros deporem seus comandantes e tomarem seus navios. O navio representava uma miniatura da sociedade, fora do alcance das forças armadas que mantinham o delicado equilíbrio do poder em terra. Tão logo os marinheiros se amotinavam, a primeira ordem do dia era criar novos acordos, coletivizando tudo a bordo antes de partir em guerra contra a velha ordem. Esta forma de revolta podia se espalhar por divisão celular, quando uma tripulação se dividia em dois grupos; por ataque viral, quando piratas capturavam outra embarcação e libertavam a tripulação; por contágio, quando um marinheiro que havia sido um pirata se alistava num novo navio; e por rumor, quando marinheiros ouviam falar de outras revoltas de piratas e resolviam tentar eles mesmos. Que locais podem servir como navios piratas de nossa era? Que espaços e recursos podem ser capturados e voltados contra uma sociedade baseada na propriedade privada? Além de coletivizar o acesso a recursos imediatamente, precisamos de formas de luta que redistribuam o poder em si.

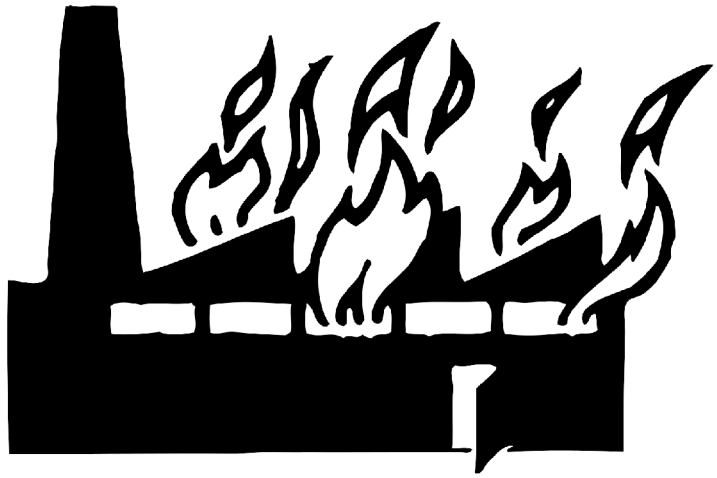
Para se defender contra inimigos externos e lutas de poder internas, comunidades insurgentes precisam estabelecer múltiplas estruturas de poder que possam contrabalancear umas às outras e minar continuamente novas hierarquias. Não existem atalhos para a liberdade; partidos políticos e líderes não podem obtê-la para nós, somente tirá-la de nós. Se não tivermos cuidado, podemos derrubar todos os governos do mundo e ocupar todos os locais de trabalho sem se aproximar nem um pouco de assumir o controle de nossos próprios destinos.

A longo prazo, o importante não é se assegurar de que as *coisas* sejam distribuídas igualmente, mas estabelecer uma relação com bens materiais que permitam que todas nós concretizemos o nosso potencial da forma que acharmos melhor. Temos que parar de abordar nós mesmas e umas Às outras de acordo com nossos papéis na sociedade capitaliza e criar novos conceitos do que a vida pode ser.

México, setembro de 2006.

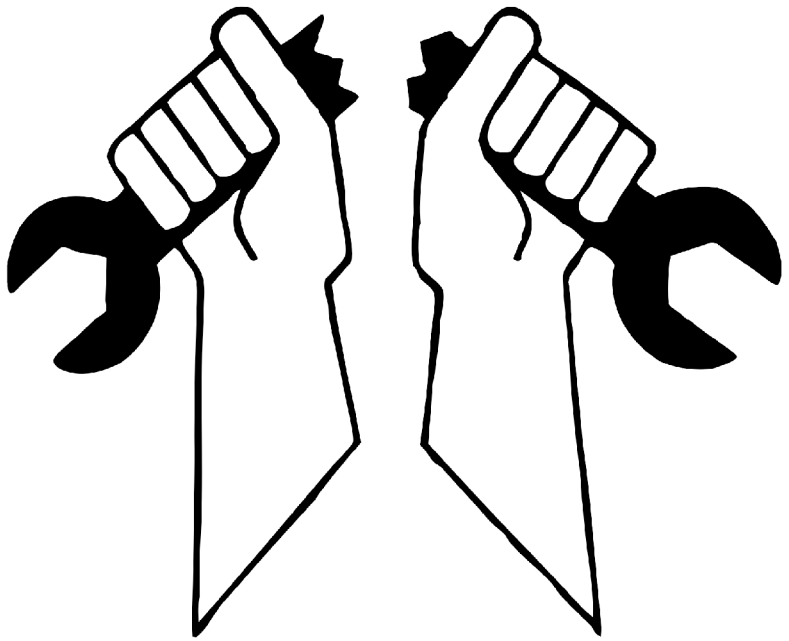
que pode dar à luz a mais guerreiras e a futuras inovações. Devemos estar preparadas para lutar por anos e décadas sem nos desanimarmos. Também precisamos estar preparadas para manter o rumo face a mudanças de contexto repentinas, como os ataque de 11 de setembro de 2001 ou a eleição de Obama; defensores do capitalismo certamente virão com as surpresas mais desnorteadoras quando a guerra chegar nas retas finais.

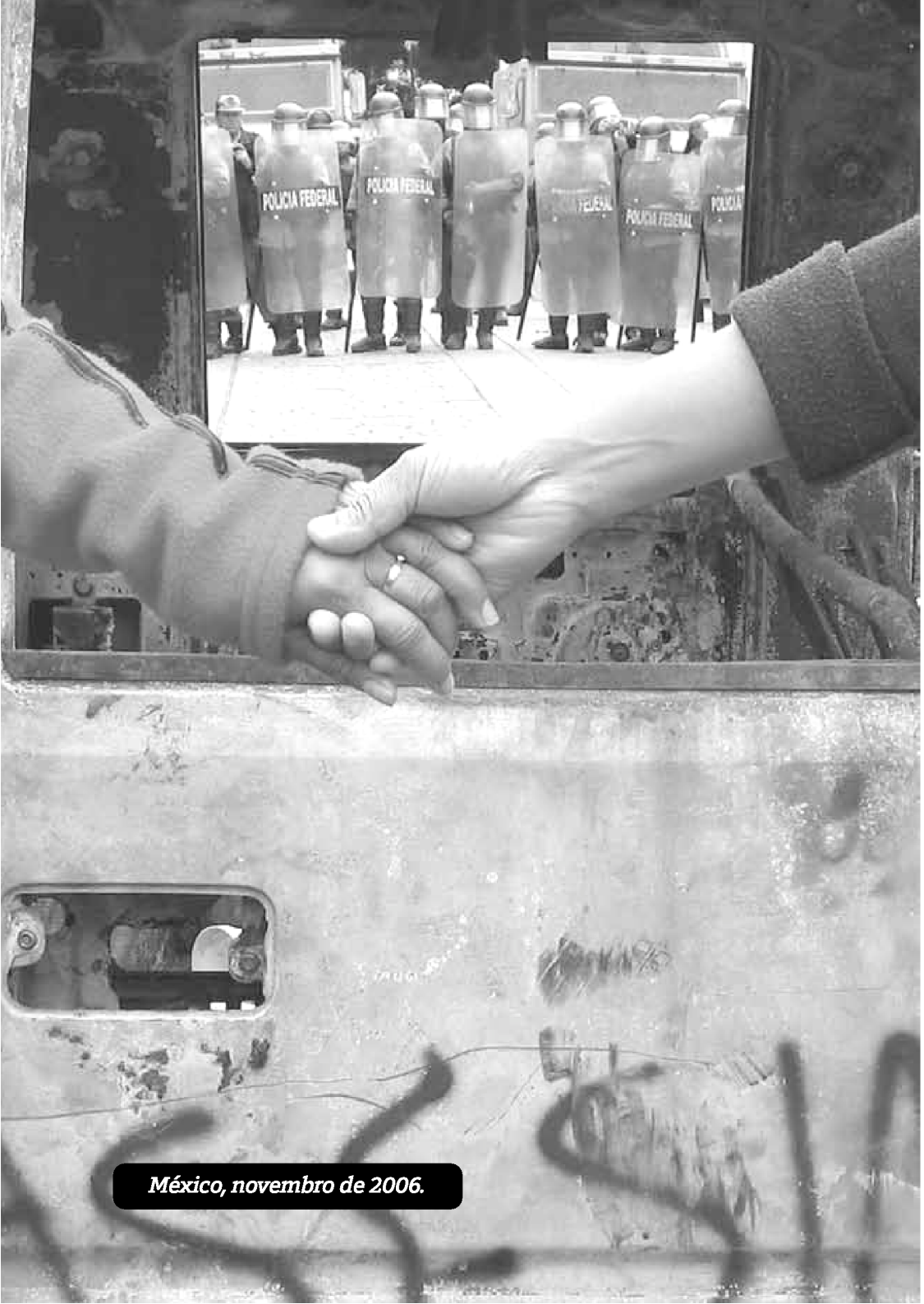
Mesmo quando um levante repentino finalmente nos pegar de surpresa, ele somente dará início a uma nova fase da luta que certamente durará pelo resto de nossas vidas. Mudar do capitalismo para outras conjunturas está fadado a ser um processo difícil e demorado.



VAMOS MOSTRAR QUEM MANDA:

NINGUÉM





México, novembro de 2006.

Esteja pronta para uma longa luta.

O momento em que as coisas estão prestes a mudar pode não estar aparente. Quanto mais precária estiver a velha ordem, mais agressivamente ela irá impor a sua permanência. Um regime que não pode se dar ao luxo de mostrar suas fraquezas irá evitar qualquer passo atrás a todo custo.

Nesse contexto, pode não ser possível alcançar objetivos intermediários. A resistência pode parecer cada vez mais distanciada da efetividade, cada vez mais "irracional", até que atinja um ponto crítico.

Isso faz com que seja ainda mais importante nos focarmos no *conteúdo* da resistência ao invés de sua eficácia imediata. Ela cria novas relações entre as pessoas, novas formas de nos relacionarmos com bens materiais? Ela demonstra valores que apontam além do capitalismo? Esquece se ela alcança suas demandas — ela abre espaço para novas lutas, nova *ingovernabilidade*?

À medida que o trabalho se torna mais temporário e invasivo, movendo-se rapidamente pelo mundo e se estendendo a todo aspecto da vida, as disputas trabalhistas podem envolver lutas em espaços que imaginamos serem distantes do local de trabalho. Isso não significa que devemos abandonar a luta nos próprios locais de trabalho, embora tenhamos que reconceitualizar o que estamos tentando alcançar com ela e como avaliamos a sua eficácia de forma que ela possa ter um papel nas novas formas de conflito.

Toda vez que inventamos novas formas de lutar, mudamos o terreno, abrindo possibilidades imprevistas. Podemos, no fim, perder a batalha, mas nós produzimos uma nova corrente social